



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM SAÚDE
FACULDADE DE CEILÂNDIA

PRISCILLA CARTAXO PIERRI BOUCHARDET

**A SIGNIFICAÇÃO DA INTERGERACIONALIDADE SOBRE A INFLUÊNCIA DOS
AVÓS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS NETOS**

Brasília, 2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM SAÚDE
FACULDADE DE CEILÂNDIA

PRISCILLA CARTAXO PIERRI BOUCHARDET

**A SIGNIFICAÇÃO DA INTERGERACIONALIDADE SOBRE A INFLUÊNCIA DOS
AVÓS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS NETOS**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias em Saúde - Área de concentração: Promoção, Prevenção e Intervenção em Saúde, linha de pesquisa: Determinantes sócio biológicos e cuidado em Saúde, do Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Margô Gomes de Oliveira Karnikowski

Brasília, 2021

CB752ss Cartaxo Pierri Bouchardet, Priscilla
A SIGNIFICAÇÃO DA INTERGERACIONALIDADE SOBRE A
INFLUÊNCIA DOS AVÓS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS NETOS /
Priscilla Cartaxo Pierri Bouchardet; orientador Margô Gomes
de Oliveira Karnikowski . -- Brasília, 2021.
83 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciências e
Tecnologias em Saúde) -- Universidade de Brasília, 2021.

1. Alimento. 2. Intergeracionalidade. 3. Grã
parentalidade. 4. Cultura. 5. Relação. I. Gomes de Oliveira
Karnikowski , Margô , orient. II. Título.

PRISCILLA CARTAXO PIERRI BOUCHARDET

**A SIGNIFICAÇÃO DA INTERGERACIONALIDADE SOBRE A INFLUÊNCIA DOS
AVÓS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS NETOS**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Margô Gomes de Oliveira Karnikowski – Orientadora e Presidente
Universidade de Brasília/Faculdade de Ceilândia – UnB/FCE
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde

Prof^a. Dr^a Gislane Ferreira de Melo – 1º membro
Universidade Católica de Brasília – UCB

Prof^a. Dr^a Luciana Monteiro Vasconcelos Sardinha – 2º membro
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Prof^a. Dr^a. Silvana Schwerz Funghetto – Suplente
Universidade de Brasília/Faculdade de Ceilândia – UnB/FCE

Brasília, 23 de junho de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho sobretudo à minha mãe Fabiana que sempre foi minha inspiração maior para estudar, e aos meus avós Joanny, Teresa e Maria do Socorro, que graças à uma infância fantástica inspiraram a escolha do meu tema. Amo muito vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, como não poderia deixar de ser, pois tudo, absolutamente tudo o que acontece em minha vida tem a mão e a benção Dele, e se eu não entendo seus propósitos hoje certamente logo entenderei. Obrigada Papai do céu por fazer este sonho se concretizar e por estar comigo em cada pensamento e passo.

Em segundo lugar agradeço a minha mãe Fabiana, minha fortaleza, exemplo de vida e a mulher que acima de todas as outras me inspira. Com a vida aprendeu que o estudo é a única coisa que certamente te leva longe, te dá asas e te abre portas, com ela foi assim. E ela não poderia estar mais certa. Obrigada mãe por ser exigente, por cobrar e por, acima de tudo, me dar o melhor exemplo. Te amo!

Agradeço ao meu pai Renato, meu porto seguro, meu acalento, meu “te amo” das manhãs. O colo que nunca se cansa e o açúcar da minha vida, você não poderia ser melhor. Como diria o vovô: “se você não existisse eu teria que te inventar”. Obrigada por ser assim, exatamente assim, esse pai de amor e carinho que nunca, nunca me faltou. Te amo!

Aos meus irmãos Patrícia, Gabriel e Larissa pelo apoio e carinho de sempre, obrigada por acreditarem em mim. E claro ao meu segundo pai e segunda mãe Noriberto e Glauce por serem tão doces, carinhosos, companheiros e conselheiros de vida, a minha vida nunca teria sido tão boa sem vocês presentes nela. Amo todos vocês!

Um agradecimento especial aos amigos que tiveram um importante papel nessa minha jornada do mestrado. Primeiramente à Andrea, amiga, conselheira e companheira que o mestrado e a UniSER me deram de presente. Obrigada por estar ao meu lado, pela ajuda, pelos desabafos, choros e pelas inúmeras risadas maravilhosas que você arrancou de mim. Minha vida seria muito menos doce sem a sua presença nela, quem me dera ter a sua paciência e seu coração. Ao Leonardo, professor acima de tudo, quantos ensinamentos, quanta ajuda, quanta coisa eu aprendi e aprendo contigo. Sempre paciente, amigo e disposto, nunca deixou de sorrir mesmo “batendo” e ensinando no “tapa” quando era preciso. Leo “o queridinho, o perfeito, o que nunca erra”, nosso foco é ser como você. Obrigada por tudo! Aos demais companheiros de estrada Kerolyn, Trajano, Rafaela, Mariana e Thays pelos momentos, reuniões, experiências e risadas trocadas. E, é claro, a minha melhor amiga da vida Amanda, por estar sempre ao meu lado, por mais que o tempo passe nosso companheirismo e telepatia nunca acabam, te adoro amiga! Cada um de vocês é muito importante pra mim.

Agradeço imensamente os meus avós, Joanny, Teresa e Maria do Socorro que me proporcionaram a melhor infância que uma criança poderia sonhar. Quantos aprendizados,

quantos momentos mágicos, quantas lembranças gostosas que tenho graças a vocês. As brincadeiras, os finais de semana juntos e especialmente a comida, ah a comida que só nossos avós sabem fazer. Como amava, amo e sinto falta. Se hoje eu trabalho com o envelhecimento é graças a vocês. Se hoje prezo pelas relações intergeracionais é por vocês. Se hoje estudo e busco passar conhecimento acerca de um envelhecimento saudável é pra vocês. Vô Vicente, tenho certeza que o senhor seria fantástico se a vida não o tivesse levado tão cedo... Os avós deveriam ser eternos, eles são nosso escape do mundo turbulento e cheio de contratemplos e preocupações. Se na infância o melhor lugar do mundo é a casa dos avós, na vida adulta... ainda é.

Vovô Joanny (*in memoriam*), você não faz ideia do avô maravilhoso que você foi pra mim, tudo o que eu aprendi contigo eu levo pra vida hoje. Quem me dera sentar a noite na cozinha contigo, comer uma mini pizza com azeite, o penne que só você fazia, a empada de frango com catupiry ou ainda nossos enroladinhos de linguíça, e conversar. Conversar sobre tudo, qualquer coisa, só pra ouvir sua voz novamente... A vida me parece injusta por levar você cedo demais, mas as lembranças ficam presentes consolando a saudade que sinto de ti. Vovó Nina (*in memoriam*), todas as receitas que você fazia pra mim quando eu ia pra sua casa estão marcadas na memória e sinto o gosto de cada uma delas: do sorvete, do sonho, dos ovos de páscoa que você mesmo fazia e até mesmo sinto o cheiro daquele doce horrroso de sangue de porco. Que saudades de tudo... Os nossos momentos foram únicos, seu sorriso era o melhor e passar os seus últimos meses coladinha a ti foi o melhor presente pra mim.

E vovó Teresa, minha musa digna do Oscar de melhor avó do mundo (comprado na Disney graças a você). Vovó querida, minha companheira, minha amiga, minha meta de vida e saúde! Como sou feliz por todos os momentos que passamos juntas. As viagens, as brincadeiras, a banana amassada com mel, aveia e biscoito, o espinafre do Popeye, o macarrão com feijão e claro, o lobo que sempre vinha à porta querendo comer minha vovozinha e eu e o vovô nunca deixamos. Espero que você saiba tudo o que representa na minha vida, eu não poderia querer melhor avó, a vida foi muito boa ao dar você de presente pra mim. Te amo!

Finalmente, não menos importante agradeço os meus velhos da UniSER e a minha orientadora Margô pelos ensinamentos, pelos momentos de descontração, de amizade, de companheirismo, pelos apertos e perrengues que também nos servem e muito de aprendizado. Cada momento com vocês gerou ensinamentos que levarei pra vida. Obrigada pela UniSER, esse projeto maravilhoso pelo qual eu sou completamente apaixonada! O envelhecimento ativo, saudável, intergeracional e mais feliz tem mais que um dedinho seu Margô, tem a sua presença marcada nele pra sempre. Você é um exemplo pra mim. Obrigada!

EPÍGRAFE

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2.REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1. O PROCESSO DE VIVER E ENVELHECER	14
2.2. INTERGERACIONALIDADE, ESTRUTURA DAS GERAÇÕES E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	20
2.2.1. <i>Estratégias de promoção da intergeracionalidade e os programas intergeracionais</i>	22
2.2.2. <i>Os netos e os avós: significações</i>	24
2.3. A CULTURA ALIMENTAR.....	25
2.4. ESCOLHAS ALIMENTARES FEITAS DESDE A INFÂNCIA E A INFLUÊNCIA NA SAÚDE AO LONGO DA VIDA	27
3.OBJETIVO	29
3.1. OBJETIVO GERAL	29
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	29
4.METODOLOGIA	30
4.1. DELINEAMENTO EXPERIMENTAL	30
4.2. AMOSTRA DO ESTUDO E CAMPO DE OBSERVAÇÃO	30
4.3. FONTES, INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	31
4.3.1. <i>Identificação dos avós e seus respectivos netos</i>	31
4.3.2. <i>Entrevista com avós e netos</i>	31
4.4. ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS	32
4.5. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	32
5.RESULTADOS.....	32
5.1. CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS AVÓS E NETOS	32
5.2. RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETOS CONFORME AS DIMENSÕES ATRIBUÍDAS PELA GRÃ-PARENTALIDADE E A DIMENSÃO ALIMENTAÇÃO.....	34
5.3. INTENSIDADE INFLUÊNCIA DOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS AVÓS SOBRE OS NETOS	39
5.4. PERCEPÇÃO DE AVÓS E NETOS QUANTO À INFLUÊNCIA DO ALIMENTO E SUA CORRELAÇÃO COM O CONVÍVIO INTERGERACIONAL	42
6.DISSCUSSÃO	43
6.1. CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS AVÓS E NETOS	43
6.2. RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETOS CONFORME AS DIMENSÕES ATRIBUÍDAS PELA GRÃ-PARENTALIDADE E A DIMENSÃO ALIMENTAÇÃO.....	45
6.3. INTENSIDADE DA INFLUÊNCIA DOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS AVÓS SOBRE OS NETOS.....	48
6.4. PERCEPÇÃO DE AVÓS E NETOS QUANTO À INFLUÊNCIA DO ALIMENTO E SUA CORRELAÇÃO COM O CONVÍVIO INTERGERACIONAL	50
7.CONCLUSÕES	51
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	64

RELAÇÃO DE TABELAS

Tabela 1	Caracterização sociodemográfica dos avós participantes da pesquisa	33
Tabela 2	Caracterização sociodemográfica dos netos participantes da pesquisa	34
Tabela 3	Escala de Significado da Grã-parentalidade para os Avós	35
Tabela 4	Escala de Significado da Grã-parentalidade para os Netos	37
Tabela 5	Discursos dos avós separados por influência positiva e negativa dos avós na alimentação dos netos	40
Tabela 6	Discursos dos netos separados por influência positiva e negativa dos avós na alimentação dos netos	41

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1	População absoluta e relativa de idosos de 60 anos e mais, 65 anos e mais e 80 anos e mais no mundo de 1950-2100	19
Figura 2	População absoluta e relativa de idosos de 60 anos e mais, 65 anos e mais e 80 anos e mais no Brasil de 1950-2100	19
Figura 3	Gráfico aranha com as dimensões de grã-parentalidade e a dimensão alimentação na percepção dos avós	39
Figura 4	Gráfico aranha com as dimensões de grã-parentalidade e a dimensão alimentação na percepção dos netos	39
Figura 5	Gráfico de influência alimentar positiva e negativa baseada na oferta de determinados alimentos	42

RELAÇÃO DE ANEXOS

ANEXO 1	Escala de Significados da Grã-parentalidade - versão avós adaptada	64
ANEXO 2	Escala de Significados da Grã-parentalidade - versão netos adaptada	67
ANEXO 3	Artigo	70
ANEXO 4	Normas da Revista	71

RELAÇÃO DE SIGLAS/SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

OMS	Organização Mundial de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
PI	Programas Intergeracionais
UniSER/UnB	Universidade do Envelhecer da Universidade de Brasília
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
ESGP	Escala de Significados da Grã-parentalidade
ESGP-A	Escala de Significados da Grã-parentalidade versão Avós Adaptada
ESGP-N	Escala de Significados da Grã-parentalidade versão Netos Adaptada
MPDA	Modelo de Processo dos Determinantes das Avós

RESUMO

A SIGNIFICAÇÃO DA INTERGERACIONALIDADE SOBRE A INFLUÊNCIA DOS AVÓS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS NETOS

Estudos apontam que a família é elemento essencial na construção da cultura alimentar e, neste sentido, o convívio entre avós e netos pode influenciar seus hábitos alimentares desde a infância. Esta pesquisa objetivou avaliar a significação do convívio intergeracional na influência dos avós sobre os hábitos alimentares dos netos, considerando a percepção de ambos. Trata-se de um estudo com características quali-quantitativas, onde foi realizado um corte observacional transversal para as análises quantitativas com comparação entre grupos intergeracionais, enquanto para a análise qualitativa foi realizada a análise de discurso. Foram estratificadas as dimensões da Escala de Significados da Grã-parentalidade e a dimensão alimentação, tanto para avós quanto para os netos. Para as análises dos dados foi utilizado o software SPSS 23, para os dados numéricos optou-se por utilizar a média, a mediana e a moda, para as medidas de dispersão utilizou-se a análise de quartis e o desvio padrão. Para a verificação do grau de similaridade entre as perspectivas de avós e netos, utilizou-se o índice *Kappa*, o teste de *U-Mann-Whitney* para a comparação entre as percepções das dimensões de grã-parentalidade e influência alimentar, e o teste de *Spearman* para verificar as correlações da influência alimentar de avós sobre netos. Evidenciou-se a partir dos resultados deste trabalho que as dimensões de grã-parentalidade lazer e vínculo ao passado foram as que mais influenciaram a relação de avós e netos, e que as dimensões lazer, afetividade e aconselhamento se correlacionaram com a influência dos avós nos hábitos alimentares dos netos. No entanto, apesar da grande maioria dos netos afirmar que sofreu influência alimentar dos avós, foi possível notar que esta influência nem sempre foi positiva no que se refere a alimentação saudável. A intergeracionalidade, traduzida pelo convívio, possui significação na influência dos avós sobre os hábitos alimentares dos netos, considerando a percepção de ambos.

Palavras-chave: Alimento; Intergeracionalidade; Grã-parentalidade; Cultura; Relação.

ABSTRACT

THE SIGNIFICANCE OF INTERGENERATIONALITY ON THE INFLUENCE OF GRANDPARENTS ON THE FOOD HABITS OF GRANDCHILDREN

Studies show that the family is an essential element in the construction of a food culture and, in this sense, interaction between grandparents and grandchildren can influence their eating habits from childhood. This research aimed to evaluate the significance of intergenerational interaction in the influence of grandparents on their grandchildren's eating habits, considering the perception of both. This is a study with quali-quantitative characteristics, where a cross-sectional observational cut was carried out for the quantitative analyzes with comparison between intergenerational groups, while for the qualitative analysis the discourse analysis was performed. The dimensions of the Great Parenthood Meaning Scale and the feeding dimension were stratified for both grandparents and grandchildren. For data analysis the SPSS 23 software was used, for numerical data we chose to use the mean, median and mode, for dispersion measures we used quartile analysis and standard deviation. To verify the degree of similarity between the perspectives of grandparents and grandchildren, the *Kappa* index was used, the *U-Mann-Whitney* test were used to compare the perceptions of the dimensions of great parenting and food influence, and the *Spearman* test to verify the correlations of the eating influence of grandparents on grandchildren. It was evident from the results of this study that the dimensions of great parenting leisure and bonding to the past were the ones that most influenced the relationship between grandparents and grandchildren, and that the dimensions leisure, affection and counseling were correlated with the influence of grandparents on eating habits of grandchildren. However, despite the vast majority of grandchildren claiming that they suffered food influenced from grandparents, it was possible to note that this influence was not always positive with regard to healthy eating. Intergenerationality, translated by living together, has significance in the influence of grandparents on their grandchildren's eating habits, considering the perception of both.

Keywords: Food; Intergenerationality; Great parenthood; Culture; Relation.

1. INTRODUÇÃO

Quando o assunto é intergeracionalidade o contexto que se busca é promover a aproximação entre as gerações, ressignificando conceitos e valorizando trocas de experiências¹. Estudos relatam que a solidariedade entre as gerações pode ser entendida como uma demonstração de confiança incondicional que ocorre tanto entre os membros da mesma geração quanto de gerações diferentes^{2,3}. Este conceito tornou-se popular a partir da realização de pesquisas que abordaram o envelhecimento e as relações intergeracionais, em reação contrária a ideia do declínio geral de parentesco e das afinidades familiares, bem como de uma percepção deturpada e restritiva da necessidade de auxílio aos adultos idosos³.

Numa dinâmica de entender o elo entre essas gerações, Zimmerman (2000)⁴ afirma que há uma transferência de crenças, valores, conduta e cultura, de uma geração para outra. Esses fatores caracterizam o aspecto transgeracional, uma realidade de qualquer família, independente de raça, religião e/ou status social. Recentemente, Lüscher e colaboradores (2016)⁵ definiram relações intergeracionais como relações sociais entre membros de duas ou mais gerações que se caracterizam pelo entendimento de filiação geracional, de suas semelhanças e diferenças.

Neste sentido, reforçar a importância da relação entre o idoso e as demais gerações desde a infância, se constitui em fator determinante para um bom desenvolvimento emocional, beneficiando ambas as partes⁶. O interesse por parte das crianças em socializar com idosos associado à convivência saudável e ao respeito mútuo, observados entre os dois grupos, foram evidenciados na pesquisa de Ramos (2014)⁷ realizada na cidade de Porto Alegre, região sul do Brasil. Ele concluiu que a proximidade física não só gera vínculo afetivo, mas também possibilita a construção de cuidado, carinho e interesse entre as duas gerações.

O papel central dos avós nas relações familiares multigeracionais vem sendo reconhecida há muitas décadas^{8,9}. Esse papel, no entanto, ganhou uma nova forma e intensidade ao longo do tempo, devido ao desenvolvimento demográfico, como o aumento da expectativa de vida e a diminuição das taxas de natalidade, bem como as mudanças no estado de bem-estar, classe social, estrutura familiar e papéis de gênero¹⁰⁻¹².

As famílias atuais não parecem ter a mesma composição das famílias antigas. Essas mudanças na composição familiar são resultantes das seguintes mudanças sociais: o ingresso efetivo das mulheres no mercado de trabalho, a maior longevidade, o menor número de filhos, os relacionamentos homoafetivos, dentre outras que provocaram alterações na

estrutura e dinâmica familiar^{13,14}. As alterações na configuração familiar incluem o surgimento de convívio estreito entre várias gerações, que em muitos casos habitam em um mesmo ambiente, compartilhando as tarefas da casa e os cuidados da família^{15,16}.

Neste contexto, enquanto os pais estão trabalhando, não é incomum que os avós sintam a responsabilidade de cuidar de seus netos. Muitas vezes eles são colocados sob a responsabilidade de cuidar integralmente de seus netos e assim o fazem¹⁷. Na verdade, os avós exercem um papel fundamental quando auxiliam os pais na missão de cuidar dos netos. Desta forma orientam seus filhos quanto à educação dos netos, transmitindo o conhecimento adquirido em sua própria experiência enquanto pais. Assim, podem exercer um impacto muito positivo no desenvolvimento deles, incluindo atitudes, comportamentos, valores, identidade étnica e sucesso educacional¹⁸.

É notório que o primeiro contato intergeracional que se costuma ter na vida se dá na infância com os avós, e que essa relação tende a nortear aquela que se estabelece com os idosos na vida adulta^{18,19}. Portanto, a preocupação em unir as duas gerações e prepará-las para ter uma relação mais sólida possível, se constitui em atitude legítima e imprescindível para a família e para a sociedade. Haverá um tempo em que as crianças de hoje serão rodeadas pelos velhos que estão por vir, tornando imprescindíveis as experiências de convívio e respeito mútuos, como elementos fundamentais nestas relações²⁰.

O aumento da expectativa de vida oferece oportunidades não apenas para os idosos e suas famílias, mas também para a sociedade como um todo. Viver por mais tempo pode significar a buscar por experiências inovadoras de foro pessoal ou profissional, por intermédio de vários mecanismos, incluindo a educação. De tal modo que os idosos desenvolvem novas habilidades associadas as que já possuem e continuam a contribuir de muitas formas com suas famílias e comunidades²¹. No entanto, a saúde é fator crucial na extensão dessas oportunidades, vivências e contribuições²².

Neste sentido, a perspectiva e visão de vida foram utilizadas para investigar como a idade afeta as percepções da escolha dos alimentos, dos comportamentos alimentares e a influência das relações intergeracionais, por meio do reconhecimento do papel dos cenários sociais e históricos ao longo do tempo²³. Um estudo realizado nos Estados Unidos em 2020²⁴, mostrou que a percepção dos avós quanto a própria escolha alimentar, assim como a influência na alimentação dos netos, estavam relacionadas a questões de saúde e à mídia. Dentre os fatores de influência dos avós na escolha alimentar de seus filhos e netos, encontravam-se a proximidade e poder, a ser saudável ou prejudicial à saúde, a tradição alimentar cultural e a troca recíproca de conhecimento. No que se refere à mídia, os idosos

parecem considerar como escolha alimentos veiculados na televisão e redes sociais, especialmente aqueles com apelo para a saúde²⁵.

Um fator de especial relevância na promoção de uma alimentação saudável é o fato de que hábitos alimentares saudáveis a longo prazo estão diretamente relacionados aos hábitos aprendidos na infância^{26,27}. Estudos têm demonstrado que os padrões de comportamento alimentar como a escolha dos alimentos e o número, momento e ambiente das refeições, têm maior probabilidade de persistir na vida adulta se forem identificados hábitos saudáveis desde a infância²⁸⁻³⁰.

O consumo alimentar na infância é resultante de comportamentos cotidianos no ambiente familiar. Os maus hábitos observados nessa fase da vida estão relacionados diretamente à alimentação dos familiares, que exerce significativa influência na determinação das práticas alimentares infantis, afetando a preferência alimentar da criança e a regulação da ingesta energética^{27,31}. Desse modo, a obesidade infantil é consequência principalmente das más rotinas alimentares familiares. Assim, hábitos alimentares inadequados perpetrados não somente por pais como também por cuidadores podem vir a interferir tanto na qualidade de vida dos filhos na infância quanto na fase adulta²⁶.

Uma vez que a alimentação pode vir a interferir nos processos de saúde e doença no âmbito familiar, o conhecimento acerca do comportamento alimentar das crianças é de grande valor. Isso porque hábitos culturais e alimentares podem impactar negativamente na vida de uma criança obesa, conduzindo inclusive ao aparecimento de outras enfermidades. Tendo em vista que as DCNT já são responsáveis por 70% das mortes em todo o mundo e que o aparecimento destas doenças está diretamente ligado a complicações e a alterações do estado nutricional, se faz necessário darmos especial atenção a esta temática^{26,27,32}. Segundo Rodrigues et al (2015)³³ “a maior preocupação do crescimento da população infantil obesa é o aumento das comorbidades e problemas de saúde na vida adulta”.

Ao contrário do que se pode pensar, a desnutrição também é um problema enfrentado pela má alimentação e pode ser influenciada pela rede social do indivíduo. A alimentação insuficiente quantitativamente ou inadequada qualitativamente (falta de vitaminas e minerais) no início da vida pode provocar alterações fisiológicas permanentes e comprometer o crescimento com consequências sobre a morbidade e mortalidade na infância, menor desempenho educacional e menor produtividade na idade adulta^{34,35}.

Um estudo recente apontou que famílias disfuncionais carentes de relações, afetos e cuidados apresentam uma alimentação mais pobre e fraca em nutrientes necessários ao desenvolvimento, resultando assim em um maior índice de obesidade entre seus integrantes³⁶.

Os determinantes envolvidos na causa da desnutrição são múltiplos e inter-relacionados, e a insegurança alimentar é um dos principais fatores de risco³⁴.

Diante do exposto, a compreensão da influência dos hábitos alimentares na relação dos avós com seus netos se constitui em tema de grande relevância e objeto da presente pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O processo de viver e envelhecer

A modernidade alargou a distância entre adultos e crianças. Desta forma a expressão "cronologização da vida" é introduzida por Kohli e Meyer (1986)³⁷ para descrever como a vida é dividida em períodos, no tempo de transição de uma etapa para outra, na sensibilidade aplicada em cada um dos estágios, e no curso da vida como instituição social. Apesar da flexibilização do ciclo de vida natural, a idade cronológica ainda é uma variável importante na nossa sociedade. Desta forma, as etapas básicas do desenvolvimento humano são: infância, adolescência, fase adulta e velhice³⁸.

Existe um debate acerca da Teoria do Curso de Vida (Life Course Theory) que discorre sobre a conexão entre a continuidade e as mudanças no percurso da vida onde a sociedade e o indivíduo interagem^{39,40}. Iniciamos esse ciclo da vida na fase infantil onde a arquitetura cerebral é moldada nos primeiros anos de vida a partir da interação entre herança genética e influências sofridas no meio em que a criança vive^{41,42}.

Até o século XII a concepção de infância ainda não havia sido criada. Foi somente no século XVIII que esse conceito se efetivou. A partir daí ela passa a ser tratada com particularidade do ponto de vista biológico, e características próprias passam a ser percebidas⁴³. De acordo com Gagnebin (1997)⁴⁴ a infância se caracteriza pela incapacidade e carência de fala, e não somente aos anos iniciais de vida ou a uma faixa etária específica. Podemos considerar que o conceito de infância foi evoluindo com o passar do tempo e seus diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, e, porque não, com as peculiaridades individuais⁴³.

A fase da infância compreende dos dois aos doze anos de idade⁴⁵. Atualmente as crianças exercem a capacidade de produzir ideias e hipóteses originais e desta forma sentem e pensam o mundo de um jeito próprio utilizando as mais diferentes linguagens. Portanto, nossas crianças de hoje não são iguais às dos anos anteriores, e nem serão as mesmas dos anos que ainda estão por vir⁴⁶.

Na sequência, a adolescência, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Ministério da Saúde do Brasil e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), compreende a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 19 anos. Já para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o período vai dos 12 aos 18 anos. À primeira vista, a adolescência apresenta-se vinculada à idade, no entanto, ela por si só não transforma uma pessoa em um adulto. São necessários diversos fatores para alcançar a verdadeira maturidade^{47,48}.

A fase da adolescência traz com ela uma nova forma de se reconhecer e reconhecer o mundo. Os jovens enfrentam muitas mudanças e transformações físicas, a expansão do pensamento, assim como mudanças sociais que ocorrem à medida que a maturidade se aproxima⁴⁹. Nesta fase, os jovens encontram-se em novos papéis e novas relações entre seus pais e o mundo. É um momento de confusão, contradição e conflito que se instala na família e no meio social. Em resposta a solicitações externas, os jovens se refugiam para o seu mundo interior⁵⁰.

O adulto jovem compreende a faixa dos 20 aos 40 anos de idade, sendo o adulto jovem inicial dos 20-25, o adulto jovem pleno dos 25-35 e o adulto jovem final dos 35 aos 40. Esta idade é considerada a idade mais saudável da vida⁵¹. Estudos têm indicado um claro estreitamento das fronteiras que separam as diferentes gerações de forma que já existem menções à “gerações de fronteira” ou “gerações sanduíche”, como por exemplo aquela constituída por jovens adultos^{52,53}.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁵⁴, idoso é “todo indivíduo com 60 anos ou mais”. Entretanto, para a formulação de políticas públicas, esse limite mínimo varia segundo as condições de cada país. A OMS destaca que é de suma importância considerar que a idade cronológica não é um marcador preciso, ou seja, pode haver variações quanto às condições de saúde tendo em vista as alterações que acompanham o envelhecimento. Essa idade mínima vai depender do nível de participação do idoso na sociedade assim como seu nível de independência em diferentes contextos.

Locatelli e Fontoura (2013)⁵⁵ afirmam que “apesar de o envelhecimento biológico estar ligado à faixa etária, este pode variar fortemente de indivíduo para indivíduo e, também, de sociedade para sociedade”. Envelhecer de maneira saudável hoje em dia é uma preocupação que cresce mundialmente e chama a atenção para estudos e pesquisas, nas várias áreas do conhecimento científico. Acredita-se que, cada vez mais, que estes estudos estejam contribuindo para minimizar e até mesmo extinguir os estereótipos que são colocados nesta fase da vida⁴⁰. A investigação gerontológica tem contribuído para definir o que é o adulto na

maturidade tardia. Desta forma ela desmistifica os estereótipos da pessoa idosa como um ser frágil, dependente, pobre, assexuado, esquecido e infantil⁵⁶.

Para cada indivíduo, a experiência de envelhecer é diferenciada, pois o envelhecimento é definido por fatores biológicos, psicológicos, cronológicos, sociais e culturais²². No entanto, esses fatores não são lineares ou consistentes, estão apenas associados à idade de uma pessoa. Enquanto encontramos idosos frágeis e que necessitam de ajuda, por outro lado vemos pessoas com 70 anos gozando de uma saúde extremamente boa e funcional⁵⁷.

A senescência é a fase da vida que se inicia no início da terceira idade, 60 anos de acordo com a OMS²². Ela traz consigo algumas características naturais do envelhecimento tais como a dificuldade em dividir a atenção entre dois ou mais estímulos, o comprometimento discreto de memória para fatos recentes e planejamentos futuros, a lentificação motora da velocidade do processamento mental, e a dificuldade de novos aprendizados. Algum comprometimento neurocognitivo leve também pode vir a acontecer, um pouco maior que as comuns do envelhecimento saudável, e não tão intenso como em quadros de demências. O que não impede que o indivíduo, mesmo com dificuldade, mantenha sua independência frente à rotina diária⁵⁸.

Por outro lado, temos o envelhecimento associado a patologias, também conhecido como senilidade. Neste caso nota-se a presença de doenças e limitações juntamente com o envelhecer, como por exemplo, a osteoporose, a hipertensão arterial, o câncer e algumas doenças crônicas não transmissíveis mais prevalentes em populações idosas. Enquanto por um lado na senescência os declínios físico e mental são lentos, graduais e naturais do envelhecimento, na senilidade o declínio físico é mais acentuado e normalmente acompanhado de desorganização mental^{58,59}.

Não existe um “modelo” para os idosos. Algumas pessoas na casa dos 80 anos têm as mesmas capacidades físicas e mentais que as pessoas na casa dos 20, enquanto outras apresentam um declínio acentuado em suas capacidades físicas e mentais em uma idade muito mais jovem. Cuidados de saúde públicos abrangentes são necessários para atender a ampla gama de necessidades e experiências dos idosos²². Segundo Ferrari (2002)⁶⁰, o ser humano explora e domina a si e ao mundo através do “fazer/ação”, sendo essa uma necessidade básica de todos, inclusive na velhice. Para a autora, nessa fase, com a vinda da aposentadoria, pode se ter também um sentimento de ausência de papéis sociais a serem desempenhados.

Papalia e Feldman (2013)⁶¹ em seus estudos sobre o envelhecimento discorrem sobre os grupos de pessoas idosas: idoso jovem, que constituem a faixa etária de 65 a 74 anos,

onde os mesmos ainda estão ativos, cheios de vida e vigorosos; o grupo de idosos velhos, que se encontram na faixa etária dos 75 aos 84 anos; e os idosos mais velhos, que possuem mais de 85 anos, onde os mesmos já estariam com maior tendência a ter enfermidades e com algumas dificuldades para desempenhar atividades da vida diária. Porém, os autores ressaltam que uma compreensão mais apropriada se daria considerando as noções de idade funcional, onde se levaria em consideração o quão bem uma pessoa funciona em um ambiente físico e social em comparação a outras da mesma faixa etária.

A cartilha “Envelhecimento Ativo” publicado pela OMS em 2005⁶² e atualizada em 2015, já fomentava a ideia de que a idade cronológica não é um marcador preciso quando se trata das mudanças que acompanham o envelhecimento. Ela também já apontava que alguns idosos ainda continuam ativos no mercado de trabalho formal ou informal e grande parte deles ainda continua a ter uma representatividade financeira na vida de sua família.

Neste sentido, Louzeiro e Lima (2017)⁵⁷ discutem que o ponto mais importante para o êxito no processo do envelhecimento é o subjetivo. As autoras ressaltam que um dos aspectos importantes para que se atinja o envelhecimento bem-sucedido é o alcance de metas que tenham sido estabelecidas durante a vida. Atualmente, na nossa cultura, considera-se idoso quem possui mais de 60 anos, sem levar em consideração seu estado biológico, psicológico e social. Entretanto, autores ressaltam que este não seria um bom parâmetro para se medir o desenvolvimento humano⁶³.

Os idosos costumam ser considerados fracos, dependentes, além de um fardo para a sociedade. Essas e outras questões que podem levar à discriminação e afetar a maneira como as políticas são elaboradas, precisam ser contempladas pela saúde pública e pela sociedade como um todo, pois influenciam a forma como as pessoas idosas vão experimentar um envelhecimento com qualidade de vida²². A partir disso, em decorrência da maior longevidade, podemos dizer que o papel do idoso na sociedade, em especial o dos avós, tem sofrido grandes transformações ao decorrer dos anos, sendo fortemente influenciado por fatores familiares e econômicos, necessitando de discussões atuais sobre os temas que envolvem o grande eixo da família e especialmente da velhice⁶³.

No final do século XX, o conceito de envelhecimento ativo foi atualizado. Trata-se de um novo modelo de envelhecimento que visa melhorar a saúde, participando da sociedade, aumentando a segurança de todos e potencializando suas chances de garantir qualidade de vida, desde o nascimento até a morte².

O número de pessoas com mais de 60 anos cresce mais rápido do que qualquer outra faixa etária em todo o mundo (figura 1), e no Brasil (figura 2) o envelhecimento

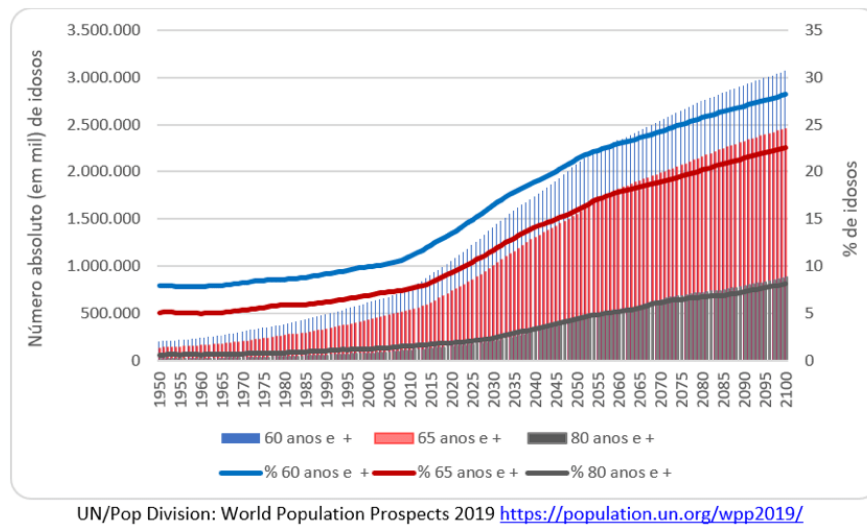
populacional também já é uma realidade crescente, tendendo a crescer ainda mais nos próximos anos⁶⁴. Atualmente, segundo dados do IBGE de 2018⁴⁷, a população idosa representa 13% da população total, e tende a dobrar nas próximas décadas.

Ao falar dos idosos de uma maneira geral, pode-se observar como vivem atualmente no Brasil. Hoje eles se encontram mais ativos, buscam sua reinserção no mercado de trabalho, se lançam em estudos na busca por novos conhecimentos e investem em seu lazer⁶³. Segundo estatística da OMS²², entre 2015 e 2050 “a proporção da população mundial com mais de 60 anos quase dobrará de 12% para 22%”. Estima-se que cerca de 80% dos idosos viverá em países de baixa e média renda em 2050.

Pela primeira vez na história pessoas em todo o mundo estão vivendo mais, sendo que a maioria delas pode esperar viver mais do que 60 anos. Mais de 2 bilhões é o número de idosos com mais de 60 anos que esperamos ter em 2050, em contraponto aos 900 milhões em 2015. E esse número pode ultrapassar os 3 bilhões em apenas mais 50 anos. Atualmente, 125 milhões de pessoas têm 80 anos ou mais^{22,32}.

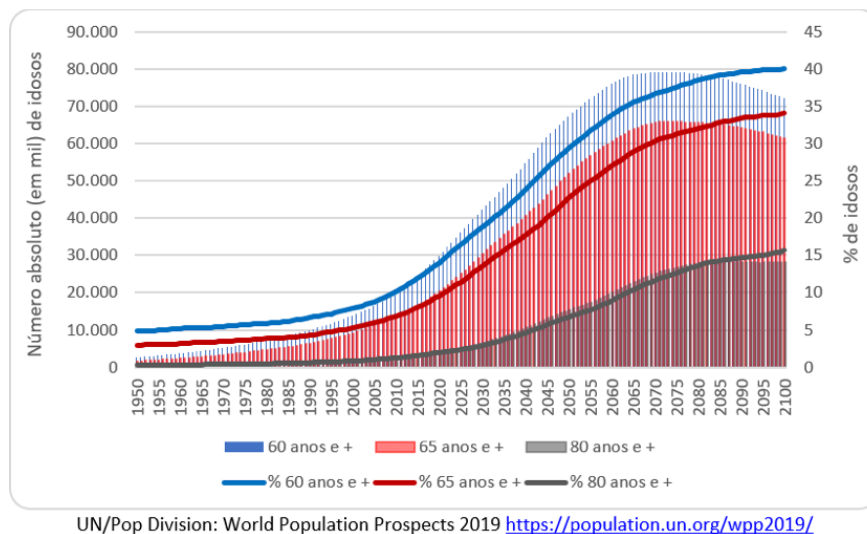
Em 2050, a Europa terá cerca de 34% de sua população com 60 anos ou mais. Enquanto a América Latina, o Caribe e a Ásia terão cerca de 25%, a China chegará a 120 milhões de idosos, e a África, embora tenha a estrutura populacional mais jovem do que qualquer outra área em termos absolutos, passará de 46 milhões de pessoas com 60 anos ou mais em 2015 para 147 milhões em 2050. Desta forma teremos 434 milhões de pessoas nesta faixa etária em todo o mundo^{32,55,65}. Isso reflete nosso sucesso em lidar com doenças infantis fatais, mortalidade materna e, mais recentemente, mortalidade em idades mais avançadas. Associado à esses fatores as quedas acentuadas nas taxas de fertilidade também estão levando a mudanças igualmente significativas na estrutura da população resultando no envelhecimento mundial^{32,39}.

Figura 1. População absoluta e relativa de idosos de 60 anos e mais, 65 anos e mais e 80 anos e mais no mundo de 1950-2100



66

Figura 2. População absoluta e relativa de idosos de 60 anos e mais, 65 anos e mais e 80 anos e mais no Brasil de 1950-2100



66

A taxa de envelhecimento da população mundial também está crescendo rapidamente^{55,67}. Cerca de 150 anos foi o tempo que a França levou para que a proporção de pessoas com 60 anos ou mais aumentasse de 10% para 20%. Porém, em países como o Brasil, a China e a Índia, existe um período de carência de aproximadamente 20 anos para esse mesmo reajuste. Ainda que mudanças relacionadas ao envelhecimento na distribuição de uma população tenham sido iniciadas em países de alta renda (como por exemplo o Japão onde 30% da população tem mais de 60 anos), agora é a vez dos países de baixa e média renda passarem por esse processo, infelizmente de uma maneira mais intensa e rápida. Nos

próximos anos, países como Chile, China, República Islâmica do Irã e Federação Russa terão uma população de idosos de volume semelhante à do Japão²².

Hoje é possível observarmos cinco a seis gerações (crianças, jovens, adultos jovens, adultos de meia-idade, adultos idosos e adultos de idade muito avançada) convivendo no mesmo espaço, este fator se deve ao aumento da expectativa de vida^{5,57}. Vidas mais longas são um recurso incrivelmente valioso, tanto para cada um de nós como indivíduos quanto para a sociedade em geral. Os idosos participam e contribuem para a sociedade de várias maneiras, incluindo mentores, cuidadores, artistas, consumidores, inovadores, empreendedores e membros da força de trabalho. Esse envolvimento social pode, por sua vez, reforçar a saúde e o bem-estar dos próprios idosos³². Assim se torna essencial compreender as relações intergeracionais que se estabelecem entre esses grupos.

2.2. Intergeracionalidade, estrutura das gerações e relações intergeracionais

O maior desafio na formação de conceitos através das gerações é o que eles significam. Na verdade, este conceito é central para muitas áreas tais como história, sociologia, antropologia e demografia tendo em vista perspectivas distintas^{6,68}. No entanto, Cavalli (1994)⁶⁹ argumenta que o uso do conceito de gerações nas ciências sociais não é muito diferente da noção tradicional que se pauta em ter nascido em um período histórico específico e desta forma ser moldado em uma cultura que define a maneira como um indivíduo se sente, pensa e age. Portanto, para esse autor, é comum pensar que gerações diferentes pertençam a um determinado tempo específico.

Höpflinger (2009)⁷⁰, por outro lado, deixa claro porque idade cronológica não exerce um papel essencial. Em sua análise ele diferencia o termo “geração” em quatro categorias distintas, são elas: as gerações sociohistóricas (pessoas com antecedentes históricos comuns); gerações genealógicas (linhagem familiar); gerações sociopolíticas (diferentes grupos para quem o Estado distribui recursos); e gerações pedagógicas (transferência de conhecimento entre gerações).

Donati (2014)⁷¹ considera as relações interpessoais para definir o termo geração. Ele separa as relações familiares (filho, pais, avós, etc.) das relações sociais (crianças, adolescentes, adultos, idosos), no entanto afirma que ambos os termos devem estar correlacionados.

Lüscher (2000)⁷² é apoiado por Donati (2014)⁷¹ quando propõe a aplicação do conceito de geração associado a uma abordagem relacional (combinando idade social e genealogia) na pesquisa empírica, na elaboração de políticas públicas e nos trabalhos

intergeracionais. Em associação, Martinez e Conde (2007)⁷³ compartilham do mesmo ponto de vista e consideram essa abordagem mais promissora. Simultaneamente Newman e Sánchez (2007)⁷⁴ colocam que "para falar sobre intergeracionalidade não é suficiente estar junto; o importante é fazer e fazer junto, e que esse fazer vá mais além da mera interação e passe a relação". Partindo dessa vertente o "relacionamento" se torna o foco principal desse debate, e não a "geração".

Portanto, uma vez que não há consenso sobre a definição das relações intergeracionais, há apenas uma ideia do que elas representam, as relações intergeracionais são mais sobre a construção e integração de relações, interdependência, reciprocidade, compartilhamento de conhecimento e transformação de indivíduos de diferentes gerações, construindo juntos um modelo social justo e unificado^{2,75}.

Em termos gerais pensamos nas relações intergeracionais como relações entre pessoas de gerações diferentes⁶. Höpflinger (2009)⁷⁰ parte do princípio que os conceitos de "relação" e "intergeracional" são ambíguos e multidimensionais. Para ele o conceito de relação entre as gerações é o processo de orientação, de influência, de troca e de aprendizagem entre dois ou mais membros de diferentes gerações (relações intergeracionais) ou entre membros da mesma geração (relações intrageracionais).

A sociedade atual parece não se importar com o fato de que as gerações estão cada vez mais separadas. Mesmo que cinco a seis gerações coexistam em um mesmo espaço-tempo, isso não significa que elas tenham um contato de qualidade⁷⁶. Neste cenário, mudanças na estrutura familiar, nos papéis sociais e de gênero, na economia familiar e nos locais de trabalho, geram consequências sociais². Tais fatores dificultam a construção de um espaço físico comum que promova a interação e a solidariedade entre jovens e idosos, o que reflete visíveis prejuízos à sociedade atual e futura, uma vez que esses espaços garantem a transmissão de experiências históricas, sociais e culturais, bem como a transferência de conhecimentos e valores^{2,7,68}.

Portanto, associado ao processo de envelhecimento populacional e a coexistência de diferentes gerações, observamos mudanças nas disposições familiares na qual a intergeracionalidade passa a existir como uma das características deste processo⁶. As novas configurações familiares do século XXI se fizeram a partir de mudanças sócio-históricas, econômicas e culturais na sociedade atual. As famílias remodelam suas afinidades e sua convivência social respondendo às interferências externas. Não obstante, apesar das visíveis transformações na vida familiar, esta ainda é vista como uma instituição privilegiada na construção da identidade de seus membros⁷⁶.

Pesquisas revelam^{77,78} que com as novas organizações e modos de relacionamento e a composição das famílias brasileiras ganhou não só a presença massiva, como também a força expressiva dos idosos. Em decorrência a maior convivência entre as gerações atualmente, observam-se mudanças nos laços intergeracionais e na significação dos avós nas relações familiares⁵⁰. A afetividade constitui componente crucial na construção destas relações, uma vez que a forma como cada membro da família revela seu grau de afetividade consolida relações harmoniosas, o que favorece a promoção da saúde neste núcleo familiar⁷⁹. No entanto a literatura^{49,80} comprova que a modificação no papel dos idosos dentro do contexto social e familiar, provocou uma crise de identidade na relação de avós e netos. Hoje é possível observar um aumento considerável no número de casos em que os avós passam a desempenhar o papel de pais deixando assim de viver a experiência de serem simplesmente avós.

No entanto, além do envelhecimento da população, outros fenômenos sociais como mudanças na estrutura familiar, nos papéis sociais, na economia, no avanço tecnológico, nos espaços públicos e na educação, estão contribuindo para o aumento da segregação entre as gerações².

A parentalidade é caracterizada por uma série de tarefas desempenhadas pelos pais ou cuidadores com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento da criança ou do adolescente, de modo que a cultura e as histórias transgeracionais influem na história de cada indivíduo, e não são necessariamente exercidas por pais e mães biológicos⁴⁹. Por ultrapassarem os problemas cotidianos e mudarem a cada estágio de desenvolvimento, têm suma importância no desenvolvimento e na formação da personalidade de cada um¹⁹.

2.2.1. Estratégias de promoção da intergeracionalidade e os programas intergeracionais

Com o aumento da expectativa de vida e a diminuição da natalidade se faz necessário criar estratégias que unam os dois opostos: idosos e crianças/jovens, objetivando evitar uma segregação na sociedade dessa faixa de idosos que só vem crescendo e para isso é importante que existam programas que promovam a intergeracionalidade⁷⁵. O projeto “Aprende com quem sabe: um projeto de promoção da intergeracionalidade” é um desses exemplos onde um grupo de idosos e jovens trabalham com atividades lúdico-pedagógicas objetivando a promoção das relações intergeracionais através da técnica de animação sociocultural⁸¹.

Outro projeto que analisou o impacto de atividades dialógicas intergeracionais em um grupo de idosos, crianças e adolescentes chegou à conclusão que tais atividades fortaleceram o vínculo intergeracional entre o grupo e levou os jovens a reconhecer a necessidade de ultrapassarem estereótipos negativos em torno da velhice, além de perceber que podem aprender com os idosos⁸². Assim, em Viseu, Portugal, outro projeto visou promover a saúde, o bem-estar e a educação através da intergeracionalidade e obteve sucesso quando os jovens, ao final do estudo, concluíram que a forma como passaram a olhar para as pessoas de mais idade mudou depois de experienciarem o bem-estar percebido ao ouvir lições de vida vindo desses idosos e em contribuição por poderem melhorar sua qualidade de vida⁸³.

Os Programas Intergeracionais (PI) apareceram no final dos anos 60 e início dos anos 70 nos Estados Unidos da América, dando início assim a primeira etapa dos PIs. Esse movimento se deu devido à separação de jovens e idosos, em decorrência da mudança das famílias devido às alterações no mercado laboral. Esta separação acabou aumentando o isolamento dos idosos, diminuindo a interação entre as duas gerações e criando estereótipos entre estas duas gerações^{2,74}.

Do final da década de 70 até meados da década de 90, a segunda fase dos PIs foi iniciada no Canadá. Nesta etapa, o campo de atividade dos PIs se ampliou. Iniciou-se o processo de resolução de problemas sociais relacionados às necessidades culturais, sociais e econômicas. Em suma, os PIs tentaram minimizar os problemas que afetavam os grupos mais vulneráveis de crianças, jovens e idosos. A exemplo: baixa autoestima, uso abusivo de drogas e álcool, mau desempenho escolar, isolamento social e familiar e falta de sistemas de apoio adequados⁷⁴. Nesse período, surgiram nas escolas programas voltados para o desenvolvimento de crianças e adolescentes por meio da contratação de idosos como mentores e tutores, com foco na qualidade de vida de idosos reformados, na educação de adultos e nos cuidados a longo prazo para crianças e jovens^{2,84}.

O terceiro período data do início dos anos 90 do século passado até os dias atuais. Na Europa, na década de 90, começaram a desenvolver PIs com foco no envelhecimento e no desenvolvimento comunitário em todo o mundo. Mais precisamente, a aposta está no renascimento da comunidade, em problemas ambientais, no abuso de substâncias ilícitas e álcool, na redução do isolamento, etc⁷⁴. Neste ponto, os PIs fazem parte de um currículo que abrange o ensino médio até a faculdade fornecendo aos alunos interações programadas e estruturadas entre idosos, adolescentes e adultos jovens^{2,84}.

Do ponto de vista das pessoas mais velhas, a capacidade de se comunicar e participar de atividades com crianças e adolescentes fornece uma visão sobre a necessidade de

respeitar e amar a geração mais jovem. Já as crianças e adolescentes mostram que as oficinas intergeracionais propiciaram reflexões em torno de visões estereotipadas da velhice, diluindo assim preconceitos e ideias negativas a respeito do envelhecimento⁸².

Ainda que nos tempos atuais pais e filhos sejam os principais pilares das famílias, novas configurações familiares estão se formando, acrescentando a esta nova formação em especial os avós⁸⁵. Avós estes não mais considerados idosos incapacitados e dependentes, pelo contrário, muitos deles têm vida socialmente ativa, e por isso podem ter mais oportunidades de conviver com seus netos e fazer parte da vida deles por mais tempo do que no passado²¹. Seguindo essa vertente, um bom convívio entre essas diferentes gerações se faz necessário para uma boa convivência e estreitamento de laços saudáveis¹⁹.

2.2.2. Os netos e os avós: significações

Tornar-se avô é um importante evento do ciclo vital, que diante das mudanças demográficas e sociais vem tomando outras formas⁸⁶. A ideia de que os avós são responsáveis pela educação de suas famílias e netos é uma descoberta recente, permitindo que várias gerações vivam e convivam em um mesmo ambiente. Este convívio intergeracional, especialmente entre avós e netos denominado grã-parental, pode ser incentivado em termos de benefício mútuo por meio do amor, conhecimento e comunicação intergeracionais⁸⁷.

Ao pensar na família, é importante levar em consideração o lugar que os avós ocupavam na reconfiguração familiar, como no caso do nascimento dos netos. Nas últimas décadas, reconheceu-se que a idade em que uma pessoa é avô ou avó pode ser muito diferente. Foram identificados avós jovens, bem como muitos avós idosos⁸⁸.

As famílias hoje são compostas principalmente por pais e filhos, mas em outras formas, além do núcleo dessa família, existem alguns membros, como tios, tias, primos e avós. Sendo que estes últimos podem, em decorrência de alguma circunstância específica, se tornar responsáveis pela educação de seus netos. Além disso, hoje os avós não são mais incapacitados e dependentes, muitos ainda trabalham e levam uma vida socialmente ativa, por isso têm maiores chances de conviverem com seus netos fazendo parte de suas vidas por mais tempo do que há anos atrás¹⁹.

Com isso, pode se dizer que alguns contextos, devido a certos acontecimentos, podem levar a mudanças na estrutura das famílias, onde os idosos podem ser convocados para participar ativamente na criação de seus netos, sendo esse papel exercido frequentemente pelas avós. Nesse contexto podemos dizer que um dos papéis que as avós ocupam é o de cuidadoras dos netos^{60,63}.

Um dos lugares mais frequentes que as crianças visitam quando são pequenas é a casa dos avós, lá elas passam a maior parte do dia e têm experiências sociais significativas. É muitas vezes sob o cuidado dos avós que brincam, que criam e fazem as tarefas escolares. É muitas vezes com os avós que os netos dizem as primeiras palavras e dão os primeiros passos. Além disso, os avós são um recurso familiar importante na tarefa de cuidar dos netos, pois a maioria dos pais trabalha fora de casa e muitas vezes não tem acesso a instituições de educação infantil para deixar seus filhos. Assim, os avós não são apenas “representantes da família” para os filhos, mas também figuras centrais que contribuem diretamente para o crescimento e desenvolvimento dos netos⁷.

O avô era visto como um sujeito retraído ou autoritário, já a avó era tida com uma senhora gentil, sempre disposta a ajudar seus netos. Nos dias de hoje, os papéis desempenhados pelos avós na sociedade, e até mesmo dentro da família, passou a ser mais reconhecido, dentre tantos, cuidar dos netos é um dos mais evidentes^{18,57}. Os avós deixaram a postura de autoritários e/ou retraídos e desenvolveram relações mais afetuosas com seus netos, rompendo preconceitos e aderindo vínculos mais prazerosos, amigáveis e calorosos, pois são sabedores de que os momentos que têm disponíveis com os netos são temporários⁵⁷.

Diante disso, Lima e Rocha Junior (2014)¹⁷ afirmam que ser avó não significa envelhecer, uma vez que há pessoas que estão se tornando avós relativamente jovens. Por outro lado, é comum encontrar avós gozando de boa saúde, condicionamento físico e envolvido em projetos de seu próprio interesse aumentando assim sua autoestima e conseqüentemente sua qualidade de vida^{18,89}.

Utilizamos a perspectiva do curso de vida para observar como a escolha dos alimentos, dos comportamentos alimentares e da influência das relações intergeracionais afetam as escolhas alimentares. Nesse contexto é notável que as percepções da escolha alimentar dos avós influencia na escolha alimentar de seus filhos e netos^{90,91}. E que essa influência está diretamente ligada a temas como proximidade e poder, saudável versus prejudicial à saúde, tradição alimentar cultural e troca recíproca de conhecimento. Desta forma vemos como a cultura e os hábitos alimentares dentro de casa têm impacto na vida de todos²⁴.

2.3. A cultura alimentar

Entende-se por cultura “a preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro”⁹². A história registra as diversas transformações por que passam as culturas, especialmente

movidas por suas forças internas e em consequência de conflitos vividos. Por esta razão, ao debatermos sobre cultura temos em mente a humanidade em toda a sua diversidade de formas. A cultura expressa as complexas realidades dos agrupamentos humanos e como suas características os unem e diferenciam. Quando falamos de herança familiar, falamos dos mesmos hábitos que são passados dentro de uma família por décadas. E tais hábitos de vida, em especial os alimentares são aprendidos majoritariamente no seio familiar^{92,93}.

As diferentes expressões de culturas alimentar estão intensamente relacionadas às populações de imigrantes vindas ao Brasil trazendo seus hábitos, necessidades, variedade alimentar assim como e suas preferências, prescrições e interdições⁹³. Vale acrescentar que a importância da alimentação não se restringe ao aspecto nutricional, a cultura alimentar tem um fator significativo na cultura de um povo, em muitos casos determinado alimento ou preparação se constitui em patrimônio cultural⁹⁴.

De acordo com Bankoff e colaboradores (2017)⁹⁴ “a alimentação é um processo cultural caracterizado por hábitos e costumes que a família traz consigo independente do nível socioeconômico, cor, raça e sexo”. A comida é cultura em todo o seu percurso: quando plantada, quando produzimos nosso próprio alimento, quando o preparamos, e quando o consumimos, partindo do princípio que nós decidimos o que comer com base nos mais variados critérios (econômicos, religiosos, nutricionais etc.), mesmo podendo escolher de tudo. E há certa tendência dos filhos reproduzirem o que os pais e avós comem.⁹⁵

O objetivo de uma alimentação saudável é suprir as necessidades energéticas e nutritivas do organismo contribuindo assim para um crescimento e desenvolvimento saudáveis. Evidências mostram que o consumo de alimentos hipercalóricos é insistentemente promovido pela indústria, tornando-se atrativo para os consumidores, principalmente por seu baixo custo. Nesse contexto, os avanços tecnológicos e a cultura local, interligam a associação entre a formação dos hábitos alimentares inadequados e o surgimento de doenças crônicas muito vezes ainda na infância^{27,96}.

Infelizmente, as condições socioeconômicas afetam diretamente a composição nutricional das refeições, tendo em vista que alimentos de custo mais acessíveis, como os industrializados, normalmente têm valor nutricional inferior, pois são elevados em calorias e possuem grandes quantidades de gorduras e açúcares além de um baixo teor de vitaminas, minerais e fibras²⁸. A obesidade infantil é um problema de saúde pública preocupante e está fortemente associado à influência alimentar negativa no comportamento da criança devido sua falta de maturidade com relação as escolhas alimentares associado a inatividade física⁹⁷.

Uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de São Paulo com 3 mil crianças indicou que, apesar do Brasil estar em processo de redução dos níveis de desnutrição, a ingestão de fibras, vitaminas e ferro ainda está longe da ideal, especialmente nas refeições feitas em casa. O estudo ainda mostrou que o consumo de colesterol e gordura trans está acima do recomendado pela Organização Mundial da Saúde⁹⁶.

O grande desafio para os educadores nutricionais é incentivar o contato das crianças com preparações caseiras e a utilização de ingredientes saudáveis, de cores variadas, preferencialmente *in natura* e de origem vegetal como frutas, legumes, verduras, cereais integrais e feijões²⁷. Os maus hábitos observados na infância estão relacionados diretamente à alimentação de seus cuidadores, normalmente os pais, os quais exercem significativa influência nos hábitos alimentares infantis, afetando diretamente a preferência alimentar da criança⁹⁸. Frente a este quadro, padrões comportamentais familiares que favorecem o ganho de peso influenciam no comportamento alimentar de crianças, levando-as ao desenvolvimento de excesso de peso e obesidade⁹⁹.

As crianças aprendem a respeito do alimento majoritariamente observando as práticas alimentares de outras pessoas. Neste sentido, a família se destaca e a alimentação se torna um dos principais focos de interação entre pais e filhos¹⁰⁰. Todavia, apesar de saberem sobre a importância de cultivar bons hábitos alimentares desde a infância, muitos pais se queixam sobre a falta de tempo para preparar refeições saudáveis e acabam optando por alimentos industrializados e prontos, porém sem valor nutricional adequado²⁸.

A história pessoal e familiar assim como o envolvimento cultural permitem compreender o porquê do desenvolvimento dos hábitos alimentares. Uma vez que a alimentação exerce grande influência na saúde e na doença de um indivíduo, o conhecimento acerca do comportamento alimentar desde criança e a influência familiar sofrida é de grande relevância^{100,101}.

2.4. Escolhas alimentares feitas desde a infância e a influência na saúde ao longo da vida

A maioria dos problemas de saúde decorrentes da idade avançada está ligada a condições crônicas, principalmente doenças não transmissíveis. Muitos deles podem ser evitados ou retardados por comportamentos saudáveis⁹³. Na verdade, mesmo em idade muito avançada, a atividade física e uma boa nutrição podem ter benefícios poderosos na saúde e no bem-estar do indivíduo. Outros problemas de saúde e declínios de capacidade podem ser gerenciados com eficácia, especialmente se detectados a tempo³².

O meio ambiente em que se vive também tem um impacto significativo no desenvolvimento e na manutenção de comportamentos saudáveis. Manter um comportamento saudável ao longo da vida, como comer de forma balanceada, praticar atividades físicas regulares e evitar fumar, reduz o risco de desenvolver doenças crônicas não transmissíveis e melhora a aptidão física e mental²².

No entanto, há poucas evidências hoje de que os idosos estejam vivendo melhor do que seus pais, do ponto de vista da saúde. Os países de alta renda viram uma redução na incidência de incapacidade grave nos últimos 30 anos, mas não houve mudança significativa na incidência de incapacidade leve e moderada no mesmo período⁹⁴. Se as pessoas puderem experimentar esses anos extras de vida de modo a usufruir de boa saúde e puderem viver em um ambiente de apoio, a capacidade de fazer as coisas que valorizam seria semelhante a uma pessoa mais jovem. Se esses anos adicionais são dominados por declínios na capacidade física e mental, o impacto social para os idosos se torna negativo²².

Um estudo de 2017⁹⁷ com 27 crianças concluiu que a melhoria no hábito alimentar dos pais afetou positivamente todos os outros membros da família. A influência da família é um dos vários fatores envolvidos na formação dos hábitos alimentares de um indivíduo, e sendo as refeições em família momentos de socialização, diálogo e troca de experiências, nestas ocasiões os hábitos alimentares são normalmente seguidos por todos os integrantes da casa¹⁰².

É na infância que os padrões de comportamento alimentar começam a ser formados e, se forem transmitidas práticas saudáveis desde então, estas têm maior probabilidade de durarem até a vida adulta²⁸. Portanto, encorajar hábitos alimentares saudáveis desde cedo é muito importante para a saúde a curto e longo prazo. As preocupações são justificadas tendo em vista que hábitos alimentares saudáveis podem reduzir o risco de doenças como anemia, obesidade, desnutrição, diabetes, hipertensão entre outras⁹⁹.

Criança e adolescentes não têm a oportunidade de fazer compras, eles comem o que seus pais compram, e já adultos acabam por manter a mesma rotina por questão de costume. Os hábitos alimentares podem permanecer por décadas em uma família constituindo assim a herança familiar alimentar e muitas vezes levando ao desenvolvimento das mesmas doenças que os avós, tios, tias, pais e outros do mesmo núcleo familiar desenvolveram⁹³.

Manter ou iniciar hábitos saudáveis na velhice é de suma importância. O treinamento de força a fim de evitar a sarcopenia (perda de massa muscular, natural do envelhecimento) e a nutrição adequada ajudam a manter a função cognitiva, atrasam a carência de cuidados e até mesmo reverterem a fragilidade. Em um ambiente de apoio, as

peças podem fazer coisas importantes para elas, apesar da capacidade reduzida. Edifícios seguros, transportes públicos adaptados e locais acessíveis são exemplos de ambientes de apoio²².

Embora muitas vezes se presume que o aumento da longevidade venha acompanhado por um longo período de boa saúde, não há muitos indicativos que sugerem que os idosos hoje estão tendo uma saúde melhor do que seus pais na mesma idade³².

Assim, ao reconhecer que a alimentação é um importante parâmetro de saúde e que pode ser influenciada pelos hábitos de vida e estes hábitos podem estar diretamente relacionados com a família, a presente pesquisa parte da hipótese de que os avós influenciam na alimentação dos netos e que isso ocorre de forma mais contundente quanto mais forte for o convívio intergeracional.

Desta forma surgem algumas questões que merecem nossa atenção:

1. Quais dimensões da escala de grã-parentalidade influenciam na relação entre avós e netos?
2. Qual seria a influência alimentar na relação intergeracional dos avós sobre os netos?
3. Em que medida as dimensões da escala de grã-parentalidade interferem na significação do alimento na relação intergeracional entre avós e netos?

3. OBJETIVO

3.1. Objetivo geral

Avaliar a significação do convívio intergeracional sobre a influência dos avós nos hábitos alimentares dos netos, considerando a percepção de ambos.

3.2. Objetivos específicos

- a) Identificar o perfil sociodemográfico dos avós e netos participantes do estudo;
- b) Avaliar a relação entre avós e netos conforme as dimensões atribuídas pela grã-parentalidade e a dimensão alimentação;
- c) Investigar a intensidade da influência dos hábitos alimentares dos avós sobre os netos; e
- d) Avaliar a percepção de avós e netos quanto a influência do alimento e sua relação com o convívio intergeracional.

4. METODOLOGIA

4.1. Delineamento experimental

Trata-se de um estudo com características quali-quantitativas, onde para as análises quantitativas foi realizado um corte observacional transversal com comparação entre grupos intergeracionais. Já para as análises qualitativas foi utilizado o método proposto por Roque Moraes (1999)¹⁰³, que se permeia na análise de discurso seguindo os cinco passos: 1. Preparação das informações, verificação da pertinência aos objetivos da análise e codificação das respostas para se transformarem em dados; 2. Definição de unidades de análise, transformação do conteúdo avaliado em unidades e definição de unidades de contexto; 3. Categorização dos dados e unidades considerando a parte comum existente entre eles; 4. Descrição, que engloba os significados captados e intuídos nas histórias analisadas; 5. Interpretação, que se refere ao movimento de compreensão dos principais achados na análise de conteúdo das entrevistas, quanto à representação do alimento na relação grã-parental. Assim foi verificada a importância do alimento na relação intergeracional entre avós e netos.

4.2. Amostra do estudo e campo de observação

Foram entrevistados idosos participantes da Universidade do Envelhecer do programa de educação da Universidade de Brasília – UniSER/UnB divididos em suas cinco unidades atuantes: Asa Norte, Candangolândia, Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, e por um respectivo neto de cada um desses idosos.

Os participantes do estudo foram capazes de compreender, verbalizar e responder as questões propostas, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com resolução nº. 466/2012 do CNS que dispõe sobre pesquisa com seres humanos.

O processo de seleção amostral foi por conveniência. Foram convidados avós devidamente matriculados no programa UniSER/UnB para, posteriormente ao aceite, ser realizado o convite aos netos desses avós. Foram incluídos os pares em que ambos (avós e netos) aceitaram participar da pesquisa, e somente netos com idade igual ou superior a 12 anos de idade completos. Como critério de exclusão, assumiu-se a não participação da dupla em alguma fase do projeto, a presença de alterações cognitivas que gerassem incongruências nas respostas proferidas, e aqueles netos ou avós que declarassem não existir comunicação entre si.

4.3. Fontes, instrumentos e procedimentos para a coleta de dados

4.3.1. Identificação dos avós e seus respectivos netos

A pesquisadora responsável pelo estudo fez uma visita a cada uma das unidades da UniSER onde explicou todo o estudo a ser realizado e então convidou os idosos a participarem do mesmo. Neste momento foi feita uma listagem dos idosos avós que possuíam netos que fossem capazes de responder ao questionário e que estivessem disponíveis para participar da pesquisa.

Foi realizado um cadastro com os participantes contendo as seguintes informações: data de nascimento, sexo, estado civil, escolaridade, status profissional, linhagem familiar, e frequência de contato com os netos.

4.3.2. Entrevista com avós e netos

Para fins dessa pesquisa o convívio foi considerado como “ação ou efeito de conviver; ato de viver com alguém de maneira próxima; convivência”¹⁰⁴. O convívio entre os avós e os netos foi mensurado a partir das dimensões da Escala de Significados da Grã-parentalidade – ESGP descrita por Ranst (1995)¹⁰⁵ e adaptada por Peixoto (2014)¹⁰⁶. Para todos os idosos do estudo foi aplicada a versão avós adaptada ESPG-A (ANEXO 1) e para seus respectivos netos a versão netos adaptada ESGP-N (ANEXO 2). Para ambos os grupos foi aplicado um questionário alimentar baseado na anamnese clínica nutricional¹⁰⁷. A aplicação do questionário foi realizada de forma individual pela pesquisadora e responsável pelo estudo Priscilla Cartaxo Pierri Bouchardet nas unidades da UniSER/UnB em momentos diferentes para avós e netos e sem o conhecimento de seus pares.

A ESGP se estratifica em 7 dimensões grã-parentais sendo estas: afetividade, aconselhamento, disciplina, cuidado, lazer, distância e vínculo ao passado, resultando em 41 perguntas para avós e 45 perguntas para netos, respondidas por meio de escala de Likert (1932)¹⁰⁸ atribuindo-se os valores categóricos escalares da seguinte forma: 1 – nunca, 2 – raramente, 3 – as vezes, 4 – quase sempre, 5 – sempre.

Uma oitava dimensão denominada alimentação foi considerada para esta pesquisa a fim de verificar a influência alimentar de avós sobre seus netos. Para tanto foi elaborado um questionário baseado na anamnese clínica nutricional¹⁰⁷, resultando em 16 perguntas para avós e 15 perguntas para netos divididas em caráter positivo (oferta de alimentos saudáveis: frutas e verduras) e negativo (oferta de alimentos não saudáveis: doces, *fast-food* e frituras, e refrigerantes). O questionário de influência alimentar contou com 11 perguntas na versão dos

avós e 10 perguntas na versão dos netos seguindo a mesma orientação escalar proposta pela escala de Likert (1932)¹⁰⁸ e mais 5 perguntas (versão avós e netos) de caráter discursivo.

Os scores para cada dimensão de grã-parentalidade e para o questionário sobre influência alimentar foi criado a partir do resultado do somatório das questões positivas, subtraído do somatório das questões negativas e dividido pelo número total de questões.

4.4. Análise estatística dos dados

Para as análises de dados foi utilizado o software estatístico SPSS 23 devidamente registrado. Os resultados das variáveis categóricas foram apresentados por meio de frequência absoluta e/ou relativa. Para os dados numéricos, a fim de expressar maior fidedignidade na expressão das medidas de tendência central, optou-se por utilizar as medidas de média, mediana e moda. Já para as medidas de dispersão, optou-se pela análise de quartis, amplitude interquartil ou desvio padrão. Para a verificação do grau de similaridade entre as perspectivas de avós e netos utilizou-se o índice *Kappa*. Para a comparação entre as percepções das dimensões de grã-parentalidade e influência alimentar utilizou-se o teste de *U-Mann-Whitney*. Para verificar as correlações da influência alimentar sob as diferentes perspectivas de netos e avós e sobre as dimensões de grã-parentalidade, utilizou-se o teste de *Spearman*. Para todas as análises e inferências adotou-se um Alfa de 5%.

A metodologia empregada nos itens discursivos foi a proposta por Roque Moraes (1999)¹⁰³ com o advento da análise quantitativa dos dados textuais analisadas no software Alceste[®].

4.5. Considerações éticas

Todas as orientações éticas recomendadas pela legislação vigente foram atendidas, sendo este estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UnB, sob o parecer de número 3.650.965.

5. RESULTADOS

5.1. Caracterização sociodemográfica dos avós e netos

A amostra foi composta por quarenta e um (41) avós e quarenta e um (41) netos, sendo que as características sociodemográficas destes, encontram-se representadas na Tabela 1 e 2 respectivamente. De maneira resumida pode-se perceber que os avós possuíam idade de 49 anos ou mais, sua maioria era do sexo feminino e possuíam boa escolaridade, sendo que

apenas 24,4% não possuíam o ensino médio completo. Ainda, a maior parte possuía linhagem materna, eram casados ou viúvos, e aposentados.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos avós participantes da pesquisa

SEXO (n/%)	
Masculino	4 / 9,8%
Feminino	37 / 90,2%
IDADE (mín-máx/\bar{x}±DP)	
49-89 / 65,39±7,28	
ESCOLARIDADE	(n/%)
Fundamental incompleto	4 / 9,8%
Fundamental completo	3 / 7,3%
Médio incompleto	3 / 7,3%
Médio completo	16 / 39,0%
Graduação incompleta	5 / 12,2%
Graduação completa	7 / 17,1%
Especialização	2 / 4,9%
Mestrado	1 / 2,4%
LINHAGEM	(n/%)
Materna	31 / 75,6%
Paterna	10 / 24,4%
FREQUÊNCIA DE CONTATO (n/%)	
Diária	14 / 34,1%
Várias vezes por semana	9 / 22,0%
Final de semana	14 / 34,1%
Mensalmente	2 / 4,9%
Festas e eventos/anualmente	2 / 4,9%
ESTADO CIVIL	(n/%)
Solteiro	4 / 9,8%
Casado	17 / 41,5%
Divorciado	7 / 17,1%
Viúvo	13 / 31,7%
STATUS PROFISSIONAL (n/%)	
Ativo	11 / 26,8%

Desempregado	2 / 4,9%
Aposentado	28 / 68,3%

Tabela 2. Caracterização sociodemográfica dos netos participantes da pesquisa

SEXO (n/%)	
Masculino	23 / 56,1%
Feminino	18 / 43,9%
IDADE (mín-máx/\bar{x}±DP)	
12-35 / 18,24±5,94	
LINHAGEM	(n/%)
Materna	30 / 73,2%
Paterna	11 / 26,8%
FREQUÊNCIA DE CONTATO (n/%)	
Diária	16 / 39,0%
Várias vezes por semana	1 / 2,4%
Final de semana	15 / 36,6%
Mensalmente	8 / 19,5%
Festas e eventos/anualmente	1 / 2,4%

5.2. Relação entre avós e netos conforme as dimensões atribuídas pela grã-parentalidade e a dimensão alimentação

As dimensões de grã-parentalidade, utilizadas para demonstrar a relação entre avós e netos, encontram-se detalhadas nas Tabelas 3 e 4 pela média e o desvio padrão das respostas. As percepções dos avós e netos quanto às dimensões de grã-parentalidade e a dimensão alimentação estão demonstradas nas figuras 3 e 4 respectivamente. Vale ressaltar que não houve correlação significativa entre a idade e as dimensões de grã-parentalidade ($p \leq 0,05$).

Tabela 3. Escala de Significado da Grã-parentalidade para os Avós

DIMENSÕES	PERGUNTAS	1	2	3	4	5
AFETIVIDADE	O(A) meu(minha) neto(a) conta-me os seus problemas e preocupações. Q4					2,78±1,51
	Costumo contar os meus problemas e preocupações a(o) meu(minha) neto(a). Q11					2,12±1,45
	Converso com o(a) meu(minha) neto(a) sobre gostos que temos em comum. Q14					3,24±1,43
	O(A) meu(minha) neto(a) conta-me coisas que não se atreve a contar aos seus pais. Q21					2,1±1,41
	Quando não entendo alguma coisa peço a(o) meu(minha) neto(a) que me explique. Q29					3,8±1,52
	Compro presentes a(o) meu(minha) neto(a). Q32					3,95±1,26
	O(A) meu(minha) neto(a) conta-me como vai a escola ou o trabalho. Q35					3,63±1,53
ACONSELHA- MENTO	Aconselho o(a) meu(minha) neto(a) nas decisões que tem de tomar. Q6					3,73±1,45
	Aconselho o(a) meu(minha) neto(a) que evite fazer coisas que o(a) possam prejudicar. Q9					4,34±1,24
	O(A) meu(minha) neto(a) pede-me conselhos quando tem de tomar uma decisão importante. Q17					2,66±1,65
	O(A) meu(minha) neto(a) faz pouco caso/não me dá ouvidos quando o aconselho de alguma forma. Q19					1,32±0,72
	Ensino a(o) meu(minha) neto(a) coisas importantes para a vida. Q37					4,34±1,17
DISCIPLINA	Quando o(a) meu(minha) neto(a) discute com os seus pais, intercedo a seu favor. Q10					1,51±1
	Quando os seus pais repreendem o(a) meu(minha) neto(a), tento que eles o(a) escutem e compreendam a sua postura. Q18					2,76±1,56
	Repreendo o(a) meu(minha) neto(a) quando faz ou diz coisas que acho que são inadequadas. Q22					3,22±1,8
	Permito a(o) meu(minha) neto(a) coisas que os seus pais não permitem. Q23					1,93±1,27
	Quando o(a) meu(minha) neto(a) se aborrece com os seus pais, dou razão a eles. Q24					2,27±1,41
	Quando o(a) meu(minha) neto(a) discute com os seus pais, procuro não me meter. Q41					3,59±1,79
CUIDADO	Dou dinheiro a(o) meu(minha) neto(a). Q1					2,61±1,16
	Quando os seus pais não estão, sou eu quem se encarrega de cuidar do(a) meu(minha) neto(a). Q2					3,07±1,72
	Desloco-me a casa dos meus filhos para ver o(a) meu(minha) neto(a). Q3					3,15±1,28
	Ajudo o(a) meu(minha) neto(a) nas suas tarefas escolares ou noutras responsabilidades. Q7					2,2±1,52
	Faço companhia a(o) meu(minha) neto(a) quando está sozinho(a). Q12					3,32±1,51
	Quando os seus pais têm que sair, vou à casa do(a) meu(minha) neto(a). Q15					2,27±1,57
	Quando o(a) meu(minha) neto(a) está doente, apareço para ajudar. Q20					4,17±1,39
LAZER	O(A) meu(minha) neto(a) acompanha-me na ida a eventos sociais e culturais de meu interesse (festas, shows, bailes, cinema, teatro, etc). Q13					2,59±1,43
	O(A) meu(minha) neto(a) gosta quando está comigo. Q30					4,66±0,88

	Se o(a) meu(minha) neto(a) tivesse mais tempo livre, passaria mais tempo comigo. Q38	3,51±1,66
	Gosto quando estou com o(a) meu(minha) neto(a). Q39	4,98±0,16
DISTÂNCIA	Visitar-me é, para o(a) meu(minha) neto(a), mais uma obrigação que um prazer. Q8	1,9±1,5
	Não me atrevo a brigar com o(a) meu(minha) neto(a), ainda que diga coisas de que não gosto. Q25	2,46±1,79
	Não compreendo muitas das coisas de que o(a) meu(minha) neto(a) gosta. Q26	2,85±1,44
	Os pais permitem demasiadas coisas a(o) meu(minha) neto(a). Q27	1,9±1,28
	O(A) meu(minha) neto(a) preocupa-se muito menos comigo do que eu me preocupo com ele(a). Q28	3,02±1,67
	Sou muito velho(a) para entender o(a) meu(minha) neto(a). Q36	1,32±0,88
	O(A) meu(minha) neto(a) é demasiado jovem para me entender. Q40	2,15±1,49
VÍNCULO AO PASSADO	Explico a(o) meu(minha) neto(a) a história da família. Q5	4,32±1,06
	Conto a(o) meu(minha) neto(a) como eu era quando jovem. Q16	3,61±1,46
	Conto a(o) meu(minha) neto(a) o que fazíamos quando eu tinha a sua idade. Q31	3,85±1,46
	O(A) meu(minha) neto(a) se parece comigo quando eu tinha a sua idade. Q33	2,24±1,58
	O(A) meu(minha) neto(a) respeita-me. Q34	4,85±0,48
ALIMENTAÇÃO	Gosto de cozinhar. Q42	3,9±1,46
	Cozinho para o(a) meu(minha) neto(a). Q43	4,12±1,14
	Cozinho na companhia e com a ajuda do(a) meu(minha) neto(a). Q44	2,71±1,49
	Ofereço doces (bala, chocolate, torta, sorvete, pipoca doce, entre outros) ao(a) meu(minha) neto(a). Q46	2,8±1,33
	Ofereço fast food (hambúrguer, pizza, cachorro-quente) e/ou frituras (pastel, batata frita, coxinha) ao(a) meu(minha) neto(a). Q47	2,1±1,09
	Ofereço refrigerante ao(a) meu(minha) neto(a). Q48	1,73±1,07
	Ofereço verduras ao(a) meu(minha) neto(a). Q49	4,17±1,51
	Ofereço frutas ao(a) meu(minha) neto(a). Q50	4,39±1,16
	Levo em consideração o valor nutricional do alimento que ofereço ao(a) meu(minha) neto(a). Q51	4,2±1,35
	Quando o(a) meu(minha) neto(a) adoece costumo oferecer um alimento específico para que ele melhore. Q52	3,56±1,64
Ensinei receitas de família para o(a) meu(minha) neto(a). Q54	2,46±1,72	

Q: se refere ao número da questão no questionário aplicado (anexo 1)

Tabela 4. Escala de Significado da Grã-parentalidade para os Netos

DIMENSÕES	PERGUNTAS	1	2	3	4	5
AFETIVIDADE	Conto a(a) meu(minha) avô(ó) os meus problemas e preocupações. Q4					2,76±1,28
	O(A) meu(minha) avô(ó) partilha comigo os seus problemas e preocupações. Q11					2,78±1,26
	Converso com o(a) meu(minha) avô(ó) sobre interesses em comum. Q14					3,44±1,34
	Conto coisas a meu(minha) avô(ó) que não tenho coragem de contar a meus pais. Q21					2,32±1,17
	Quando o(a) meu(minha) avô(ó) não entende algo, pede-me para lhe explicar. Q29					4,27±1
	O(A) meu(minha) avô(ó) dá-me presentes. Q32					3,78±1,15
	Conto a meu(minha) avô(ó) como estão indo meus estudos ou meu trabalho. Q34					3,71±1,23
	O(a) meu(minha) avô(ó) faz-me sentir mais adulto(a). Q44					3,32±1,35
O(A) meu(minha) avô(ó) influencia a maneira como me sinto comigo mesmo. Q45					3,61±1,36	
ACONSELHA- MENTO	O(A) meu(minha) avô(ó) aconselha-me sobre as decisões que eu tenho que tomar. Q6					3,63±1,22
	O(A) meu(minha) avô(ó) avisa-me das coisas que podem me prejudicar. Q9					4,56±0,87
	Quando tenho que tomar uma decisão importante, peço a meu(minha) avô(ó) a sua opinião. Q17					3,07±1,27
	Quando o(a) meu(minha) avô(ó) me dá um conselho, não dou ouvidos ao que ele(a) diz. Q19					1,59±0,81
	O(A) meu(minha) avô(ó) ensina-me coisas importantes para a vida. Q36					4,49±0,87
DISCIPLINA	Quando discuto com os meus pais, o(a) meu(minha) avô(ó) intercede a meu favor. Q10					3,24±1,32
	Quando os meus pais brigam comigo, o(a) meu(minha) avô(ó) tenta fazer com que eles me ouçam e compreendam. Q18					3,07±1,4
	O(A) meu(minha) avô(ó) briga comigo quando digo ou faço coisas inadequadas. Q22					3,68±1,44
	O(A) meu(minha) avô(ó) me permite fazer coisas que os meus pais não me permitem. Q23					2,51±1,38
	Quando me aborreço com os meus pais, o(a) meu(minha) avô(ó) dá razão a eles. Q24					2,71±1,05
	Quando discuto com os meus pais, o(a) meu(minha) avô(ó) não intercede. Q40					2,41±1,16
CUIDADO	O(A) meu(minha) avô(ó) dá-me dinheiro. Q1					2,95±1,14
	Quando os meus pais não estão, é o(a) meu(minha) avô(ó) quem assume essas funções. Q2					3,8±1,36
	O(A) meu(minha) avô(ó) vem até minha casa para ficar comigo. Q3					2,78±1,65
	O(A) meu(minha) avô(ó) ajuda-me nas tarefas escolares e noutros assuntos. Q7					2,51±1,38
	O(A) meu(minha) avô(ó) faz-me companhia quando estou sozinho(a). Q12					3,68±1,13
	Quando os meus pais não estão, o(a) meu(minha) avô(ó) vem ficar comigo. Q15					3,34±1,46
	Quando fico doente, o(a) meu(minha) avô(ó) fica preocupado(a) comigo. Q20					4,83±0,63

LAZER	Acompanho o(a) meu(minha) avô(ó) a eventos sociais e culturais de seu interesse (festas, shows, bailes, cinema, teatro, etc). Q13	3,02±1,27
	Sinto-me bem quando estou com o(a) meu(minha) avô(ó). Q30	5±0
	Se eu tivesse mais tempo livre, passaria mais tempo com o(a) meu(minha) avô(ó). Q37	4,37±0,89
	O(A) meu(minha) avô(ó) sente-se bem quando está comigo. Q38	4,76±0,62
	Aprecio o tempo que passo com o(a) meu(minha) avô(ó). Q43	4,8±0,51
DISTÂNCIA	Para mim, visitar o(a) meu(minha) avô(ó) é mais uma obrigação do que um prazer. Q8	1,15±0,42
	O(A) meu(minha) avô(ó) não briga comigo, mesmo que eu faça coisas que lhe desagrade. Q25	2,07±1,08
	O(A) meu(minha) avô(ó) não compreende muitas das coisas que eu gosto. Q26	2,44±1,34
	O(A) meu(minha) avô(ó) acha que os meus pais são muito permissivos. Q27	2±1,12
	O(A) meu(minha) avô(ó) preocupa-se mais comigo do que eu com ele(a). Q28	3,37±1,51
	O(A) meu(minha) avô(ó) é muito velho(a) para me compreender. Q35	1,32±0,61
VÍNCULO AO PASSADO	Sou muito novo(a) para conseguir compreender o(a) meu(minha) avô(ó). Q39	2,02±1,25
	O(A) meu(minha) avô(ó) conta-me histórias sobre a nossa família. Q5	4,05±1,14
	O(A) meu(minha) avô(ó) conta-me histórias sobre quando ele(a) era jovem. Q16	3,73±1,34
	O(A) meu(minha) avô(ó) conta-me o que faziam as pessoas da sua geração quando tinham a minha idade. Q31	3,85±1,39
	Respeito o meu/minha avô(ó). Q33	4,9±0,3
	Gosto de ensinar coisas a meu(minha) avô(ó). Q41	3,95±1,12
	Gosto que o(a) meu(minha) avô(ó) me peça para lhe ensinar coisas. Q42	4,37±1,04
ALIMENTAÇÃO	Meu(minha) avô(ó) cozinha para mim. Q46	4,17±1,07
	Faço companhia e/ou ajudo meu(minha) avô(ó) a cozinhar. Q48	3,1±1,37
	Meu(minha) avô(ó) me oferece doces (bala, chocolate, torta, sorvete, pipoca doce, entre outros). Q50	3,12±1,12
	Meu(minha) avô(ó) me oferece fast food (hambúrguer, pizza, cachorro quente) e/ou frituras (pastel, batata frita, coxinha). Q51	2,27±1,07
	Gosto quando meu(minha) avô(ó) cozinha para mim. Q47	4,83±0,67
	Meu(minha) avô(ó) me oferece refrigerante. Q52	2,49±1,08
	Meu(minha) avô(ó) me oferece verduras. Q53	4,39±1,07
	Meu(minha) avô(ó) me oferece frutas. Q54	4,05±1,28
	Quando eu fico doente meu(minha) avô(ó) me oferece um alimento específico para que eu melhore. Q55	3,95±1,61
	Meu(minha) avô(ó) me ensinou receitas de família. Q57	2,61±1,55

Q: se refere ao número da questão no questionário aplicado (anexo 2)



Figura 3. Gráfico aranha com as dimensões de grã-parentalidade e a dimensão alimentação na percepção dos avós



Figura 4. Gráfico aranha com as dimensões de grã-parentalidade e a dimensão alimentação na percepção dos netos

5.3. Intensidade da influência dos hábitos alimentares dos avós sobre os netos

Quando indagado aos netos se eram/são influenciados pelos avós em relação a sua alimentação, a maioria (n=27) respondeu que houve influência e apenas 34,1% (n=14) dos respondentes declararam que não tiveram qualquer influência dos avós na sua alimentação. A percepção dos avós e netos quanto à influência positiva e negativa dos avós na alimentação dos netos encontram-se representadas nas tabelas 5 e 6, respectivamente.

Tabela 5. Discursos dos avós separados por influência positiva e negativa dos avós na alimentação dos netos

INFLUÊNCIA POSITIVA	INFLUÊNCIA NEGATIVA
“Não, não, não, eu faço é não deixar ela comer [fast food], aí, nunca.”	“Sim influenciei. Porque eu só
“Nunca[ofereço fast food]! (Risos). Ela é contra.”	queria comprar pra eles
“Sempre fui muito exigente com alimentação. Por isto creio que a influência foi grande. Tanto que tenho uma neta que faz gastronomia e ela diz que sou sua musa.”	guloseimas, sanduiches [...]”
“[...] Ensinei e eduquei meus filhos na parte de alimentação e continuo com os netos e bisnetos.”	“Ofereço muito[doce]! Lá em casa não falta, pode escrever aí. Ofereço sempre pra eles.” / “Ixi sempre! Isso aí, afe maria!”
“[...] eu não uso açúcar, o café é amargo, o suco é da fruta.”	“Ah minha filha! Fritura pode botar aí.”
“Não gosto de jeito nenhum [de refrigerante], não compro de jeito nenhum, na minha casa não entra.”	“[...] eu só como arroz e feijão e um pedacinho de
“Sim, sempre, verdura, legumes, frutas ofereço com maior e carinho, mas nem sempre ela gosta.”	carne, não gosto muito de carne, verdura cozida as vezes. Então eu não sou
“Ofereço [verduras], ele não gosta muito, mas eu ofereço, sempre que ele tá lá eu ofereço, mas ele não gosta.”	exemplo pra ninguém. Não sirvo mesmo pra ser
“Se eu ofereço [verduras]? Ofereço, ofereço, mas ele não come. Que ele num gosta. Mas eu ofereço as vezes.”	exemplo.”
“[...] refrigerante eu não uso lá em casa não, ofereço suco. Refrigerante eu não tomo e nem aceito ninguém levar lá pra casa.”	“O ideal é que não tomassem, mas a gente sim algumas vezes dá refrigerante sim.”
“Eu sempre, sempre eu falo com ele que tem que comer esses alimentos saudáveis por isso é que eu não ofereço, refrigerante, suco, essas coisas é que eu não ofereço.”	“E lanche: sorvete, Maria Mole, eu compro caixa de Maria Mole pra ela e a mãe
“Mas eu nunca ofereço porque eu não ofereço pra ninguém, nem refrigerante nem suco.”	fica brava. “Não pode! É doce demais!” Mas ela pediu, eu compro, dou pra ela, eu deixo
“Não fritura lá em casa eu já oferecia, antigamente. Agora de jeito nenhum mais, não faço fritura não, refrigerante nem nada.”	comer a vontade.”
“[...] na minha casa não tem muita comida química, as coisas assim né, então é mais é saladas e legumes e essas coisas então é suco natural. Ele não	“Ele ama, ele gosta muito é chocolate branco então sempre tem pra ele.”
	“Saudável? A gente quase

<i>come muito doce, não come muita coisa química [...]</i>	<i>nem come essas comida saudável [...]</i>
<i>“Sou contra [fast food], porque os pais eles gostam dessas coisas.”</i>	<i>“Chocolate é quase todo dia, mas eu não dou direto não, as vezes eu dou.”</i>
<i>“Não ofereço[fast food]. Eles podem até ir pelos pais, por mim não.”</i>	<i>“Bom, eu ofereço o que eles gostam, entendeu? Frituras (risos), frango, frango assado, porque a minha comida eles não gostam, então eu faço pra eles o que eles gostam. Batatinha frita, essas coisas aí.”</i>
<i>“Eita, esse o bicho pega. Eu ofereço [refrigerante] não, é a mãe dele, ta lá em casa ele come sem refrigerante, eu brigo que só. Quer dizer, não sou eu que ofereço né, é a mãe né. Por mim eu não dava não”</i>	
<i>“Não, porque na casa dele ele já come muito isso [fast food], a mãe dele ama isso.”</i>	
<i>“Influenciei sim né, ensinando, aconselhando né, fazendo o meu melhor.”</i>	
<i>“Sim [influenciei], comendo alimentos de boa qualidade, só coisas boas, não ofereço coisas ruins.”</i>	

Tabela 6. Discursos dos netos separados por influência positiva e negativa dos avós na alimentação dos netos

INFLUÊNCIA POSITIVA	INFLUÊNCIA NEGATIVA
<i>“O almoço dela é bem variado, tem de tudo, quando eu estou de dieta ela me ajuda, faz muita salada, faz carne mais saudável, a alimentação dela é mais saudável por conta de mim. Tem tudo, arroz, feijão, e muita salada, frutas ela sempre corta. Eu almoço lá todos os dias.”</i>	<i>“[...] E sobremesa, doce, bolo que ela fazia [...] Mas por outro lado também, todo dia tinha uma sobremesa, um doce e hoje é um pouco difícil cortar o doce, na casa se tornou um pouco um vício comer uma sobremesa, assim.”</i>
<i>“[...] ela me acostumou tanto a comer saudável que as vezes eu saio pra comer besteira eu passo mal.”</i>	
<i>“Como ela me criou, hoje a minha alimentação foi muito influenciada pela minha avó sim na questão de verduras, legumes, frutas. Então minha alimentação até hoje é influenciada por ela.”</i>	
<i>“Porque ela sempre... Nunca faltou salada, verduras em casa desde que eu era pequena e como ela cozinhava pra mim e pro meu irmão, fruta, essas coisas assim nunca faltava, nunca! [...] aí eu aprendi a comer muita salada, muita verdura [...]</i>	
<i>“Quase sempre, comer coisas saudáveis.”</i>	
<i>[quando questionada se a avó influenciou sua alimentação] “[...] com frutas sim, meus avós sempre me dão muitas frutas.”</i>	

“[...] quando eu vou na casa da minha avó ela tenta reeducar minha alimentação, me ajuda a não exagerar.”

“Sim, tipo ela me influencia muito a comer verdura e fruta porque faz bem pra saúde, só que eu não gosto muito.”

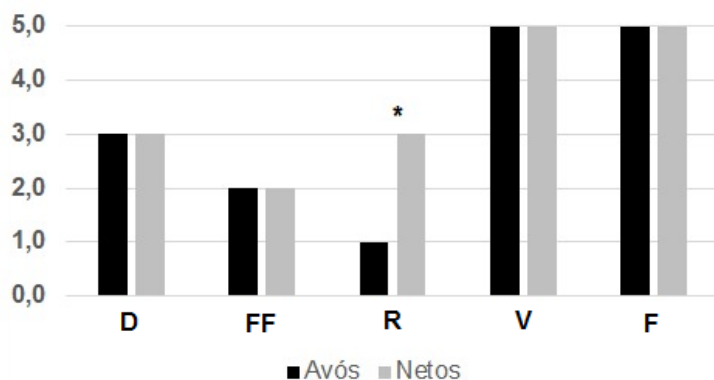
“[...] ela sempre tenta me reeducar e eu gosto.”

“Sempre, acho que sim, eu passei quase minha infância toda e adolescência, ela cuidou de mim durante muitos anos. E comer verde.”

“[...] ela sempre me faz querer comer algo tipo, verdura, ela sempre me oferece verdura porque ela fala que faz bem, salada também.”

“Ela pede pra mim comer mais verduras, tipo brócolis, comer couve. Ela pede pra mim comer mais frutas, verduras, salada.”

Na Figura 5 encontram-se as respostas dos avós e dos netos referentes aos questionamentos quanto à frequência com que os avós ofertavam e eles alimentos como doces, *fast-food* e frituras, refrigerantes, verduras e frutas.



(D) doces, (FF) *fast food* e frituras, (R) refrigerantes, (V) verduras e (F) frutas. * $p = 0,001$

Figura 5. Gráfico de influência alimentar positiva e negativa baseada na oferta de determinados alimentos

5.4. Percepção de avós e netos quanto à influência do alimento e sua correlação com o convívio intergeracional

A correlação entre a influência alimentar dos avós sobre seus netos e as dimensões de grã-parentalidade que aferem convívio, apresentadas por valores de r , encontram-se detalhadas no artigo “*Significance of food in the intergenerational relationship between grandparents and grandchildren*” submetido à Revista Interface (Anexo 3).

De forma resumida, as dimensões de grã-parentalidade que apresentaram correlação com a influência alimentar encontram-se as seguintes: os netos que declaram que os avós são afetivos ($r=0,400$), conselheiros ($r=0,333$ e $r=0,359$) e que compartilham juntos momentos de lazer ($r=0,362$), também afirmam que tiveram influência alimentar dos avós; já os avós que declaram ter momento de lazer ($r=0,463$) com os netos também afirmam que influenciam em sua alimentação.

As demais dimensões de grã-parentalidade disciplina, cuidado, distância e vínculo ao passado não apresentaram correlação com a influência alimentar quando testadas entre avós-avós, avós-netos, netos-netos e netos-avós conforme demonstrado na Tabela 3 do artigo “*Significance of food in the intergenerational relationship between grandparents and grandchildren*” (Anexo 3).

6. DISCUSSÃO

6.1. Caracterização sociodemográfica dos avós e netos

A discussão sobre os fatores do estilo de vida dos avós que afetam seus netos pode ser explicada por duas teorias complementares: a Estrutura de Envolvimento do Avô¹⁰⁹ e o Modelo de Processo dos Determinantes das Avós¹¹⁰. A primeira define o nível de envolvimento dos avós como "o grau de envolvimento no processo de construção e manutenção de relacionamentos com os netos". Já a segunda sugere que vários fatores individuais, interpessoais e circunstanciais moldam tais relações²⁵. Fatores individuais correlacionados com a intensidade e o estilo de cuidado dos netos incluem gênero, idade, saúde, educação e situação de trabalho, os mesmos dados de caracterização da amostra que esta pesquisa coletou^{10,111-114}.

No presente estudo a grande maioria dos avós entrevistados do programa UniSER/UnB era do sexo feminino (Tabela 1), assim como é indicado nas pesquisas nas quais a expectativa média de vida das idosas (79,4 anos)⁴⁷ é maior que a dos idosos (72,2 anos em média)⁴⁷, e que as idosas costumam participar 65% ou mais de projetos e programas educativos e sociais que os idosos¹¹⁵. Ainda, quanto aos aspectos sociodemográficos foi possível observar que os avós possuíam a idade média menor que a expectativa média nacional de 75,8 anos⁴⁷ e que o percentual de viúvas no estudo foi elevado, sendo superado somente pelas casadas, de modo a evidenciar que os avôs do estudo deixam seu netos mais cedo do que as avós.

A idade dos avós pode ter alguma influência no relacionamento com os netos. Cirado, Triadó e Posada (2000)¹¹⁶ observam que, quanto mais velhos os avós, maior a probabilidade de os netos considerá-los uma figura distante, de os verem como uma referência do passado familiar e da velhice. Em um estudo semelhante, Tur e Posada (2000)¹¹⁷ mostram como os avós mais velhos são menos emocionalmente próximos dos netos que os avós mais jovens. Esta característica pode impactar na intensidade da influência que os avós poderiam ter nos hábitos de vida dos netos, incluindo a alimentação. No entanto, em nossa pesquisa não verificamos correlação significativa entre a idade dos avós e nenhuma das dimensões de grã-parentalidade e nem a de alimentação.

Foi observado que a maioria dos idosos entrevistados não chegou a iniciar um curso superior (Tabela 1), o que pode torná-los susceptíveis a desenvolverem depressão e ansiedade geriátrica, em especial as mulheres, conforme verificaram Maximiano-Barreto e Femoseli (2017)¹¹⁸ em idosos com baixa escolaridade.

Idosos com tais patologias, bastante frequentes nesta fase da vida, podem ter dificuldades em estabelecer um convívio saudável com seus netos, especialmente quando colocados no papel de cuidadores dos mesmos, como aponta Sousa e colaboradores (2019)¹¹⁹. No presente estudo não foi avaliado o estado de saúde dos idosos, no entanto, ausência de correlação significativa com as dimensões de grã-parentalidade disciplina, cuidado, distância e vínculo ao passado com a influência alimentar dos avós sobre os netos, podem ter sido influenciada por tais distúrbios, uma vez que tanto a depressão quanto a ansiedade, muito comuns no envelhecimento, apresentam características próprias que impactam no comportamento e convívio social de seus portadores^{89,120}.

A maioria dos idosos é aposentada, não significando que não tenham um emprego formal ou informal, uma vez que vários autores afirmam que grande parte dos idosos aposentados continuam trabalhando para complementar a renda^{39,40,121}. Assim, o tempo dedicado ao convívio com os netos e demais familiares pode ficar comprometido, de modo a interferir na influência que os avós poderiam ter nos hábitos de vida dos netos, em especial quanto a alimentação dos mesmos⁷.

No presente trabalho, os avós foram primeiramente abordados e ficou a critério deles a escolha de um neto ou neta para participarem da pesquisa, a maioria dos netos entrevistados foi do sexo masculino. Isso pode ser explicado em parte pela taxa de natalidade no Brasil hoje ser mais masculina (56,1%) do que feminina, de acordo com o último censo do IBGE¹²². Cabe ressaltar que, não foi possível conhecer os critérios dessa escolha, podendo ter sido influenciada pelo grau de aproximação com o neto ou a disponibilidade do mesmo.

A literatura sugere haver uma aproximação maior entre netos e avós de linhagem materna, assim como mostram os resultados do nosso estudo. Tais avós aparecem em maior número nas pesquisas grã parentais^{123,124}.

6.2. Relação entre avós e netos conforme as dimensões atribuídas pela grã-parentalidade e a dimensão alimentação

O papel do idoso sofreu modificações tanto no meio familiar quanto no social^{77,125}. Neste contexto, aumentou o número de avós e o tempo que permanecem como avós, propiciando o surgimento de novos termos tal como avosidade, termo esse que surgiu por meio da psicogerontologia^{57,126}. Vários estudos buscam compreender as dimensões da relação entre os avós e seus netos que possam influenciar no comportamento e hábitos de vida de ambos^{6,109}.

Assim, os avós desempenham papéis importantes na vida dos netos como cuidadores, educadores, confidentes e companheiros de brincadeira, e frente às sete dimensões de grã-parentalidade que o presente estudo aborda: afetividade, aconselhamento, disciplina, cuidado, lazer, distância e vínculo ao passado, podemos observar com mais clareza quais pontos mais aproximam essas gerações destacando-se lazer e vínculo ao passado¹².

Deste modo, a chance de avós e netos desenvolverem uma relação sólida e compartilharem momentos prazerosos está diretamente relacionada à frequência de contato entre eles^{18,127}. A interação grã-parental frequente, conforme aponta a pesquisa (Tabelas 1 e 2), se mostra benéfica tanto para avós quanto para os netos, a medida que vão se desenvolvendo os laços afetivos^{98,109}. E apesar da notável diferença das respostas apresentadas por avós e netos quanto à essa frequência, é importante ressaltar que em sua maioria (90,2% para avós e 78% para netos) ambos os grupos relatam uma frequência alta sendo ela diária, várias vezes na semana ou aos finais de semana.

De acordo com a Teoria da Seletividade Socioemocional descrita por Carstensen (1995)¹²⁸, as pessoas se tornam emocionalmente seletivas à medida que envelhecem, e deste modo escolhem conservar seus relacionamentos familiares mais próximos, especialmente a relação avós-netos. Desta forma os encontros frequentes diários ou semanais apontados pelos participantes da pesquisa (Tabelas 1 e 2) reinteram a importância dessa relação de proximidade.

Por outro lado, o Modelo de Processo dos Determinantes das Avós (MPDA) descrito por Bates e Taylor (2013)¹¹⁰ chama a atenção para os benefícios dos avós perante aos netos ao sugerir que a satisfação e a qualidade do relacionamento são resultados dos esforços

envolvidos no cuidado dos avós com seus netos, fator importante também analisado neste estudo e que indica ter um papel significativo e similar tanto para os avós quanto para os netos (Figuras 3 e 4). Essa visão é apoiada por várias pesquisas que demonstram que o cuidado dos avós tem um impacto positivo no desenvolvimento infantil, no comportamento social, no envolvimento acadêmico, na autoconfiança e, sobretudo, na saúde mental desses netos^{129,130}.

O avô exerce um papel significativo na vida do neto, seu passado é referência, pois colabora para o enriquecimento da identidade dele que por sua vez integra em sua vida elementos essenciais tais como a tradição, a forma de falar e o modo de interpretar a realidade⁸⁶. Isto contribui sobremaneira para o relacionamento entre avós e netos, permitindo assim que eles se entendam melhor. Foi possível observar (Figuras 3 e 4) como a dimensão vínculo ao passado se destaca tanto na análise dos avós quanto dos netos reafirmando o que é encontrado na literatura¹⁹.

Estudos feitos em díades^{131,132}, em que cada parceiro avalia a mesma relação, obtendo assim dados que podem ser comparados, são um caminho promissor no estudo da dinâmica relacional complexa entre avós e netos, pois são os únicos que nos permitem analisar as possíveis discrepâncias entre avós e netos ao avaliar o significado de sua relação. Conhecer as duas perspectivas pode ajudar a descobrir melhores maneiras de otimizar esse relacionamento em cada uma das áreas correlacionadas. Neste contexto, ao examinar e confrontar essa perspectiva dupla, através dos gráficos aranhas representados nas figuras 3 e 4 podemos obter uma compreensão mais profunda desse relacionamento. Podemos ver, por exemplo, o papel importante que o lazer ocupa nessa relação uma vez que os avós representam uma espécie de “folga” na rotina desses netos.

Os programas intergeracionais surgem como uma estratégia para promover o envelhecimento bem-sucedido proporcionando a participação ativa de idosos, crianças e adolescentes e partindo da ideia de que programas educativos baseados na troca e na partilha de conhecimentos, técnicas, experiências e informações entre as gerações são favorecedores da continuidade de uma vida ativa e participativa⁶. Essas atividades exercem influências positivas na forma como crianças e adolescentes percebem os idosos e vice-versa. Quando essas gerações se aproximam, obstáculos são rompidos, preconceitos extintos e as diferenças eliminadas. Para os avós pode significar a esperança da continuidade ilustrada na dimensão de vínculo ao passado. Já para os netos pode representar uma forma de afeto mais exposta nos momentos de lazer, pois os avós são mais disponíveis para brincadeiras e passeios, ao contrário da maioria dos pais que trabalham o dia todo e não têm tanto tempo disponível⁵⁷.

Neste estudo podemos preencher uma lacuna importante da literatura sobre quais

aspectos da relação entre avós e netos os avós consideram mais importante e gratificante: o lazer e seu papel de vínculo ao passado. Preencher esse vazio na literatura se faz essencial especialmente porque os avós agora estão desempenhando um papel cada vez mais importante na vida de seus netos devido à diversificação das famílias, ao aumento da expectativa de vida, ao número crescente de famílias com dois trabalhadores, e às taxas mais altas de desagregação familiar. Saber dessa informação nos deixa mais preparados para ajudar a criar esse vínculo intergeracional de maior qualidades entre os dois^{63,133}.

Em sua recente análise crítica da literatura sobre avós, Hank e colaboradores (2018)¹³⁴ argumentou que uma melhor compreensão do impacto dos avós no próprio bem-estar pode ser adquirida medindo a autoavaliação dos avós sobre seu desempenho como tais. A alta autoavaliação dos avós em comparação com os netos, resultado este também encontrado por nós quando comparamos as respostas dos avós e dos netos, é um fator chave para explicar a satisfação com o papel que exercem na vida de seus netos e como ele pode, conseqüentemente, aumentar ou diminuir o nível de envolvimento desses avós na vida dos netos^{7,19,110}. No entanto vale ressaltar que a maioria dos demais estudos não avaliam a percepção dos participantes no seu próprio papel como avós, simplesmente “coletam informações sobre crenças normativas e atitudes sobre a criação dos avós sobre os netos”¹³⁴ diferente do que analisou o presente estudo.

Ao se pensar em uma dinâmica entre as avós com seus netos, bem como o significado e contribuição que se tem na vida dessa avó estar próxima ao seu neto, Cardozo e Brito (2014)¹³⁵ observaram que para as avós, os netos já as ajudaram em diversos momentos difíceis. Para elas, os netos são considerados como fiéis companheiros e verdadeiros salvadores. O convívio frequente entre avós e netos resulta no fortalecimento dos vínculos e por este motivo a relação intergeracional traz grandes vantagens. Os idosos melhoram a qualidade de vida, se sentem mais ativos fisicamente e se preocupam mais com a saúde para que possam garantir o acompanhamento do crescimento de seus netos⁵⁷. Avaliando por essa perspectiva se fez importante analisar o papel que a alimentação tem nessa relação grã-parental, sendo que evidenciou-se que o lazer, a afetividade e o aconselhamento são parâmetros relevantes para que esses avós influenciassem nos hábitos alimentares de seus netos (item 5.4 dos resultados).

Embora o relacionamento avós-netos seja importante para os avós, infelizmente pouco se sabe sobre como esse relacionamento afeta os avós^{136,137}. Apesar de não ser surpreendente que a maioria dos avós perceba seu papel como uma parte importante e gratificante de suas próprias vidas, é interessante notar nos resultados demonstrados nas

tabelas 3 e 4 que os netos os veem de forma similar¹³⁸.

Identificar quais fatores os avós acham mais gratificante em seu papel de avós, nos fornece exemplos práticos de comportamentos em que os netos podem se envolver para beneficiar seus avós. Além disso, desta forma os pais desenvolvem uma compreensão aprimorada de como podem garantir que seus próprios pais sejam felizes e saudáveis, incentivando os filhos a interagir mais e a passarem mais tempo com seus avós².

6.3. Intensidade da influência dos hábitos alimentares dos avós sobre os netos

A história pessoal e a cultura familiar permitem entender o motivo do desenvolvimento dos hábitos alimentares⁹⁸. Nos discursos dos avós e dos netos foi possível observar que em especial o paladar, o aspecto, a preferência e o apego emocional à determinadas preparações (Tabelas 5 e 6), são os principais responsáveis por condicionar as escolhas alimentares. As crianças aprendem a respeito do alimento principalmente observando as práticas alimentares de outras pessoas, em especial dentro do âmbito familiar, e não somente por suas experiências com a comida. Dessa forma, esse núcleo fornece amplo campo de aprendizagem, no qual a alimentação se torna um dos principais focos de interação entre eles^{27,30}.

Um estudo realizado em Lisboa em 2008¹³⁹ com avós cuidadores de netos, concluiu que tais avós contribuem positivamente para a saúde de seus netos promovendo um estilo de vida saudável junto à eles, uma vez que eles valorizam a promoção de uma alimentação equilibrada. Esse resultado confirma nossos achados onde na entrevista dos avós fica evidente que a grande maioria de fato preocupa-se em oferecer alimentos saudáveis aos seus netos (Tabela 3).

Estudos destacam como principais desvios alimentares o consumo insuficiente de frutas e hortaliças^{29,140}. Em 2018 o Ministério da Saúde fez um levantamento e indicou um aumento de 15,5% no consumo recomendado de frutas e hortaliças pelos brasileiros em comparação com 2008, cinco porções diárias pelo menos cinco vezes na semana, uma mudança significativa¹⁴¹. Uma pesquisa realizada com 225 crianças e 88 pais investigou a relação positiva do consumo de frutas e hortaliças com a disponibilidade e o acesso desses alimentos em casa. É sabido que as refeições em família criam uma atmosfera positiva onde os pais servem como um modelo para o comportamento alimentar de seus filhos¹⁰⁰. Felizmente, podemos notar a alta prevalência de avós que dizem oferecer tais grupos alimentares aos seus netos, respostas essas confirmadas por seus netos na presente pesquisa.

Apesar da mudança relatada pelo Ministério da Saúde no levantamento de 2018

na redução de 53,4% do consumo regular de refrigerante¹⁴⁰, o alto consumo de refrigerantes e doces tem sido descrito como um importante fator para explicar o aumento da incidência de obesidade nas populações mais jovens nos últimos anos⁹⁴. Nesse contexto, nossos dados apontam uma oferta freqüente aos netos destes itens por parte dos avós. Apesar de um pequeno número de entrevistados avós afirmarem que oferecem especialmente refrigerante aos seus netos, houve uma diferença significativa ($p=0,001$) na quantidade de netos que disse que seus avós oferecem tal bebida à eles (Tabelas 3 e 4 e Figura 5). Frente à essa realidade, o hábito de consumo insuficiente de frutas, verduras e hortaliças, e freqüente de refrigerantes, doces e salgadinhos está diretamente associado com a prevalência do sobrepeso e obesidade na infância^{29,142}.

Pais de alunos com excesso de peso relatam que compram alimentos solicitados por seus filhos com mais freqüência e têm 23% mais referências a alimentos processados do que pais de alunos com peso ideal²⁷. Não foram encontrados estudos semelhantes a nível de comparação. As crianças costumam optar por consumir alimentos que lhes são oferecidos com certa freqüência e que estão disponíveis em casa. Resumidamente, o que os pais disponibilizam em seu ambiente familiar afeta e é afetado pelas preferências alimentares de seus filhos¹⁰¹.

Os padrões de hábitos alimentares começam a ser identificados na infância, e é muito provável que esses hábitos continuem na idade adulta⁹³. Apesar da importância de uma boa nutrição, muitos pais reclamam que não têm tempo para preparar uma alimentação saudável e acabam escolhendo opções práticas, geralmente industrializadas e que na grande maioria das vezes é a opção menos saudável^{27,28}. Nas falas observadas dos avós podemos notar suas críticas em relação à esse tipo de conduta dos seus filhos frente a seus netos, optando por refeições práticas e sem qualquer valor nutricional. A preferência pela comida caseira é observada tanto nos discursos dos avós quanto dos netos (Tabelas 5 e 6).

Uma pesquisa realizada com 225 crianças e 88 pais²⁷, investigou a relação positiva do consumo de frutas e hortaliças e as limitações impostas pela disponibilidade e acesso à esses alimentos em casa. As evidências indicam que as crianças tendem a consumir e preferir os alimentos aos quais são rotineiramente expostas⁹⁸. Por outro lado, na nossa pesquisa notamos que mesmo os avós insistindo em oferecer grupos alimentares de frutas e verduras, uma grande parte dos netos insiste na recusa em aceitar (Tabelas 5 e 6). Isso talvez se explique pelo fato desses mesmos grupos alimentares não serem oferecidos pelos seus pais.

Assim como podemos identificar em alguns discursos dos entrevistados deste estudo, nos Estados Unidos os avós relatam que os netos não faziam muitas escolhas

saudáveis quando iam para a casa deles porque eles não gostavam, preferiam fast food²⁴. Em contrapartida, esses mesmos avós confessam oferecer uma quantidade considerável dessa opção prática de lanche, e mais uma vez os números mostram que os netos alegam receber mais esse tipo de convite do que seus avós dizem ofertar. Deste modo fica evidente que o mais importante quando se trata de influência alimentar positiva é liderar pelo exemplo³⁰.

Felizmente em novembro de 2018, o Ministério da Saúde estabeleceu metas para a diminuição do açúcar em produtos industrializados. O acordo deve resultar na redução dos teores de açúcar em mais de 50% nesses produtos. Desta forma serão reduzidas cerca de 144 mil toneladas de açúcar nos produtos até 2022¹⁴⁰.

6.4. Percepção de avós e netos quanto à influência do alimento e sua relação com o convívio intergeracional

Durante a infância dos netos a aproximação dos avós é monitorada pelos pais, especialmente por uma questão de distância geográfica. Durante esse tempo, esse convívio tende a ser marcante pelo envolvimento afetivo, pela satisfação e pelo divertimento. À proporção que os netos tornam-se adolescentes, jovens e adultos estes se tornam responsáveis por optar pelo convívio com seus avós, na medida em que não são mais dependentes dos pais⁵⁷. Deste modo mais uma vez a dimensão lazer, assim como nossos resultados demonstram, tem um papel relevante na construção dessa relação tão importante.

Vários fatores influenciam na formação de hábitos alimentares, sendo a influência familiar um dos mais importantes. As refeições em família são momentos em que os membros se sentam juntos à mesa para se alimentar, mantendo a socialização, um bom diálogo e trocando experiências, é um momento em família importante para a cultura alimentar, ali cria-se uma atmosfera positiva onde pais e avós servem como um modelo para o comportamento alimentar de seus filhos e netos^{98,109}. Nos discursos dos avós e netos entrevistados podemos notar a prevalência de momentos de refeições feitas em família (Tabelas 5 e 6), tendo destaque especial para os almoços aos finais de semana.

As dimensões de grã-parentalidade expressas no presente estudo associadas aos hábitos alimentares de avós e netos definem o papel que o alimento tem nessa relação entre avós e netos e a importância de cada uma dessas dimensões. De acordo com os resultados obtidos vemos mais uma vez que na percepção dos avós a influência alimentar oriunda do lazer com os netos se faz mais marcante, ponto de vista compartilhado por seus netos. Por outro lado, para estes, o papel dos avós como conselheiros e personagens afetuosos também tem um peso considerável na influência alimentar que eles exercem sobre os netos.

Diante deste cenário investir em bons hábitos alimentares e no estilo de vida saudável dos filhos e netos significa diminuir o surgimento precoce das doenças crônicas não transmissíveis em ambos^{94,143}.

7. CONCLUSÕES

A partir dos resultados deste trabalho foi possível concluir que a relação entre avós e netos mostrou ter um papel crucial nos hábitos alimentares dos netos, onde os avós que se reconhecem e são reconhecidos como figura de lazer para seus netos parecem ter maior influência alimentar sobre estes. Já os netos que reconhecem seus avós como conselheiros e afetuosos admitem sofrer maior influência alimentar destes. Sendo que as dimensões de grã-parentalidade vínculo ao passado e lazer se mostraram mais presentes na construção da relação saudável de avós e netos.

Notou-se majoritariamente que os netos alegaram sofrer influência alimentar de seus avós, sendo essa influência nem sempre positiva com a oferta de doces, fast-food, frituras e mostrando haver divergências nas respostas relacionadas especialmente a oferta de refrigerantes. No entanto avós e netos concordam que a influência alimentar positiva ilustrada na oferta de alimentos saudáveis como frutas e verduras e altamente indicada pelo Ministério da Saúde se faz muito presente.

Pesquisas futuras podem explorar melhor as diferentes formas de promover a educação nutricional dentro da família, antes que seja necessário modificar hábitos devido ao aparecimento de doenças crônicas. Dessa forma, é possível passar hábitos de forma intergeracional entre pais e filhos e especialmente entre avós e netos, influenciando assim os mais jovens a fazerem escolhas mais acertadas e estreitando laços com os mais velhos através de hábitos de vida saudáveis.

REFERÊNCIAS

1. Silveira NDR, Lodovici FMM, Quadros IB de. Livros infantis e envelhecimento: indicações para novos parâmetros e práticas pedagógicas nas escolas. *Revista Kairós : Gerontologia*. 2012;15(4):217–44.
2. Ferreira ISVB da S. Educação Intergeracional como Estratégia de Promoção do Envelhecimento Ativo: análise de necessidades de uma comunidade local, enquanto via fundamentadora de projetos relevantes e sustentáveis [Internet] [Tese de Doutorado]. [Portugal]: Universidade de Coimbra; 2017 [citado 30 de janeiro de 2020]. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/43108>
3. Lüscher K, Hoff A, Lamura G, Renzi M, Sánchez M, Viry G, et al. Generations, intergenerational relationships, generational policy. In: *Generations: International Network for the Study of Intergenerational Issues* [Internet]. Genève: Universität Konstanz; 2014 [citado 1º de novembro de 2020]. p. 29–52. Disponível em: <https://kops.uni-konstanz.de/handle/123456789/25112>
4. Zimerman GI. Livro - Velhice: Aspectos Biopsicossociais - Zimerman Comprar na Livraria Florence. In: *Velhice: Aspectos Biopsicossociais* [Internet]. 1º ed Porto Alegre, RS: Artmed; 2000 [citado 22 de novembro de 2020]. p. 232. Disponível em: <https://www.LivrariaFlorence.com.br//produto/livro-velhice-aspectos-biopsicossociais-zimerman-129264>
5. Lüscher K, Hoff A, Lamura G, Renzi M, Sánchez M, Viry G, et al. Gerações, relações intergeracionais, política geracional. In: *Generations, intergenerational relationships, generational policy: A multilingual compendium*. Andrzej Klimczuk; 2016. p. 100–68.
6. Antunes M da CP, Moreira MC. Educação intergeracional e envelhecimento bem sucedido. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. 13 de junho de 2018;15(1):21–32.
7. Ramos AC. Sobre Avós, Netos e Cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. *Educação & Sociedade*. setembro de 2014;35(128):781–809.
8. Silverstein, M., Giarrusso, R, Bengtson, V. Intergenerational solidarity and the grandparent role. In: *Handbook on Grandparenthood*. Westport, Connecticut, London: Maximiliane E. Szinovacz; 1998. p. 364.
9. Townsend P. *The Family Life of Old People: An Inquiry in East London*. Vol. 2. Universidade de Michigan: Routledge & K. Paul; 1957. 284 p.
10. Arber, S., Timonen, V. Grandparenting. In: *Routledge Handbook of Cultural Gerontology*. Florence, KY: J. Twigg & W. Martin; 2015. p. 234–42.
11. Gabriela Maria Man, Maria Nicoleta Turliuc. Grandparents and Parents. Their Educational Roles and the Future Time Perspective. *Scholarly Journals*. 2015;24(2):39–52.

12. Michelle Share, Liz Kerrins. Grandchildcare: Grandparents and childcare in Ireland. *Learning on the Job: Parenting in Modern Ireland*. fevereiro de 2015;223–43.
13. Oliveira DESD de, Oliveira AFS de, Braulio GVF, Marran MEV. O Desenvolvimento Infantil e as Mudanças Comportamentais da Criança: um estudo teórico. *Revista Científica Intraciência*. junho de 2020;(19):10.
14. Silva PR da, Silva TJ da, Finco D, Silva PR da, Silva TJ da, Finco D. Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte*. *Cadernos Pagu* [Internet]. 28 de agosto de 2020 [citado 6 de dezembro de 2020];(58). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-83332020000100514&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
15. Meireles F da S, Teixeira SM. As Diversas Faces da Família Contemporânea: conceitos e novas configurações. *Informe Econômico*. junho de 2014;16(31):38–44.
16. Nascimento MS do. Poliamor: a inexistência de legislação aplicável à núcleos familiares diversos. In: *Encontro de Iniciação à Pesquisa Jurídica* [Internet]. 2020 [citado 6 de dezembro de 2020]. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/eipj/article/view/4068>
17. Lima CAS de, Rocha Junior A. O Processo de Reparação na Mudança da Avosidade para a Parentalidade Baseado na Custódia e Educação dos Netos. *Revista Educação*. 2014;9(1):61–83.
18. Zanatta E, Arpini DM. Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: a perspectiva de avós maternas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 2017;17(1):343–63.
19. Scremin ALX, Bottoli C. Avós e Netos: o exercício de uma parentalidade. *Barbarói*. 4 de julho de 2016;0(48):234–52.
20. Salgueiro CDBL, Dias CM de SB, Coelho L de S. A Importância da Pessoa Idosa Avós na Educação Infantil Estratégias e Vivência Exitosa de Inclusão. *Nuances: estudos sobre Educação*. dezembro de 2015;26(3):174–89.
21. Castro APS, Will GB, Castro MR, Ximenes CF, Cordeiro MS. Vivendo em comunidade, envelhecendo de forma saudável. *Revista Electrónica Trimestral de Enfermería*. janeiro de 2020;57:317–31.
22. OPAS, OMS. Folha informativa - Envelhecimento e saúde [Internet]. Pan American Health Organization / World Health Organization. 2018 [citado 2 de novembro de 2020]. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5661:folha-informativa-envelhecimento-e-saude&Itemid=820
23. Rhodes K, Chan F, Prichard I, Coveney J, Ward P, Wilson C. Intergenerational transmission of dietary behaviours: A qualitative study of Anglo-Australian, Chinese-Australian and Italian-Australian three-generation families. *Appetite*. 1º de agosto de 2016;103:309–17.

24. Criss S, Horhota M, Wiles K, Norton J, Hilaire KJS, Short MA, et al. Food Cultures and Aging: a qualitative study of grandparents' food perceptions and influence of food choice on younger generations. *Public Health Nutrition*. fevereiro de 2020;23(2):221–30.
25. Nimrod G, Lemish D, Elias N. Grandparenting with media: patterns of mediating grandchildren's media use. *Journal of Family Studies*. 18 de outubro de 2019;1:1–19.
26. Linhares FMM, Sousa KM de O, Martins E da NX, Barreto CCM. Obesidade infantil: influência dos pais sobre a alimentação e estilo de vida dos filhos. *Temas em Saúde*. 2016;16(2):460–81.
27. Torres BLPM, Pinto SRR, Silva BL dos S, Santos M das DC dos, Moura ACC, Luz LCX, et al. Reflexões sobre Fatores Determinantes dos Hábitos Alimentares na Infância. *Brazilian Journal of Development*. 8 de setembro de 2020;6(9):66267–77.
28. Rosaneli CF, Auler F, Manfrinato CB, Rosaneli CF, Sganzerla C, Bonatto MG, et al. Evaluation of the prevalence and nutritional and social determinants of overweight in a population of schoolchildren: a cross-sectional analysis of 5,037 children. *Revista da Associação Médica Brasileira (English Edition)*. 1º de julho de 2012;58(4):472–6.
29. Sena R dos A, Prado SRL de A. Obesidade infantil relacionada a hábitos de vida e práticas alimentares. *Revista de Enfermagem UNISA*. 2012;13(1):69–73.
30. Teixeira GMM. Influência dos hábitos alimentares dos pais nas escolhas alimentares dos filhos [Dissertação de Mestrado]. [Porto, Portugal]: Universidade do Porto; 2010.
31. Jesus GM de, Vieira GO, Vieira TO, Martins C da C, Mendes CMC, Castelão ES. Fatores determinantes do sobrepeso em crianças menores de 4 anos de idade. *Jornal de Pediatria*. agosto de 2010;86(4):311–6.
32. WHO. Multisectoral action for a life course approach to healthy ageing: draft global strategy and plan of action on ageing and health [Internet]. Sixty-Ninth World Health Assembly; 2016 [citado 2 de novembro de 2020]. Disponível em: https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA69/A69_17-en.pdf?ua=1
33. Rodrigues AM, Hoo JS, Duarte LS, Faria AL. Avaliação nutricional de crianças e adolescentes no início, fim e pós-tratamento multidisciplinar da obesidade. *RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. 2015;9(54):258–64.
34. Barros LK do N. A desnutrição infantil e sua relação com a rede social e a segurança alimentar e nutricional da família [Internet] [Dissertação de Mestrado]. [Maceió]: Universidade Federal de Alagoas; 2020 [citado 6 de dezembro de 2020]. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/7306>
35. Garcia LRS, Roncalli AG. Determinantes socioeconômicos e de saúde da desnutrição infantil: uma análise da distribuição espacial. *Saúde e Pesquisa*. 1º de setembro de 2020;13(3):595–606.
36. Huçalo AP, Ivatiuk AL. A Relação entre Práticas Parentais e o Comportamento Alimentar em Crianças. *PsicoFAE Plural Saú Ment*. 2017;6(2):113–28.

37. Kohli M, Meyer JW. Social Structure and Social Construction of Life Stages. *HDE*. 1986;29(3):145–9.
38. Assunção V. Migrantes por amor? Ciclo de vida, gênero e a decisão de migrar em diferentes fases da vida. *Revista Estudos Feministas*. abril de 2016;24(1):63–80.
39. Fontoura D dos S, Doll J, Oliveira SN de. O desafio de aposentar-se no mundo contemporâneo. *Educação e Realidade*. 2015;40(1):53–79.
40. Herdy JS. Envelhecimento: Aposentadoria e Velhice – Fases Da Vida. *GIGAPP Estudios Working Papers*. 2 de abril de 2020;7(152):242–60.
41. Fraser Mustard J. Early Human Development - Equity from the Start - Latin America. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. julho de 2009;7(2):639–80.
42. Shonkoff JP, Garner AS. The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. *Pediatrics*. janeiro de 2012;129(1):232–46.
43. Niehues MR, Costa MDO. Concepções de Infância ao Longo da História. *Revista Técnico Científica do IFSC*. 7 de novembro de 2012;1(2):284.
44. Gagnebin JM. Infância e Pensamento. In: *Infância, Escola e Modernidade* [Internet]. São Paulo: Cortez; 1997 [citado 16 de dezembro de 2020]. p. 83–100. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/paulo-ghiraldelli-jr/infancia-escola-e-modernidade/2318464931>
45. Aries P. As Idades da Vida. In: *História Social da Criança e da Família* [Internet]. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A; 1981 [citado 14 de março de 2021]. p. 29–39. Disponível em: <http://files.grupo-educacional-vanguard8.webnode.com/200000024-07a9b08a40/Livro%20PHILIPPE-ARIES-Historia-social-da-crianca-e-da-familia.pdf>
46. Craidy CM. Educação Infantil e as Novas Definições da Legislação. *Educação Infantil pra que te quero?* 2001;8.
47. IBGE. Expectativa de vida do brasileiro sobe para 75,8 anos [Internet]. Agência IBGE Notícias. 2018 [citado 30 de outubro de 2020]. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18469-expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-8-anos>
48. Schoen-Ferreira TH, Aznar-Farias M, Silvares EF de M. Adolescência Através dos Séculos. *Psic: Teor e Pesq*. junho de 2010;26(2):227–34.
49. Berger KS. O Desenvolvimento da Pessoa - da Infância À Terceira Idade [Internet]. 9^o ed. Rio de Janeiro: Saraiva; 2017 [citado 16 de dezembro de 2020]. 666 p. Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/o-desenvolvimento-da-pessoa-da-infancia-a-terceira-idade-9-ed-2017-9746964/p>

50. Arrais A da R, Brasil KCTR, Cárdenas CJ de, Lara L. O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. *Revista Kairós : Gerontologia*. 1º de março de 2012;15(1):159–76.
51. Santos BS dos, Antunes DD. Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. *Educação*. abril de 2007;1(61):149–64.
52. Pais JM. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. *Revista de Ciências Sociais*. 2005;36(1):134–7.
53. Pais JM. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*. setembro de 2009;18(3):371–81.
54. WHO. Active Ageing: A Policy Framework [Internet]. 2002 [citado 14 de março de 2021]. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67215/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf
55. Locatelli PAPC, Fontoura D dos S. Envelhecimento Populacional e os Estudos em Administração. *Gestão e Sociedade*. 31 de agosto de 2013;7(17):273–300.
56. Lima MP de. Sobre o Desenvolvimento. In: *Posso participar?: actividades de desenvolvimento pessoal para pessoas idosas*. Imprensa da Universidade de Coimbra / Coimbra University Press; 2013. p. 15–8.
57. Louzeiro CFA, Lima ABR. Família e envelhecimento: um estudo sobre as relações entre avós e netos. *Revista Ceuma Perspectivas*. 12 de dezembro de 2017;30(1):132–49.
58. Ciosak SI, Braz E, Costa MFBNA, Nakano NGR, Rodrigues J, Alencar RA, et al. Senescence and senility: the new paradigm in primary health care. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. dezembro de 2011;45(SPE2):1763–8.
59. Juchem JAS, Daltroso CR, Carniel CA. Observação sobre Senescência e Senilidade em Instituições de Longa Permanência. In: *Salão do Conhecimento Ciência Alimentando o Brasil*. Ijuí, RS; 2016. p. 1–4.
60. Ferrari MAC. Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In: *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada* [Internet]. São Paulo: Atheneu; 2002 [citado 30 de outubro de 2020]. p. 98–105. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=342985&indexSearch=ID>
61. Papalia DE, Feldman RD. Desenvolvimento Físico e Cognitivo na vida Adulta Tardia. In: *Desenvolvimento Humano*. 12º ed São Paulo: Artmed Editora; 2013. p. 570–603.
62. WHO. Envelhecimento ativo: uma política de saúde [Internet]. Brasília, Brasil: OPAS; 2005 [citado 30 de outubro de 2020] p. 60. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/401>
63. Fonseca VM da, Andrade AMM de. A Avó Enquanto Cuidadora: um olhar para os aspectos intergeracionais de mulheres que cuidam de seus netos e seus impactos na Covid-19. *Cadernos de Psicologia*. 5 de setembro de 2020;2(3):4–18.

64. Perissé C, Marli M. Idosos indicam caminhos para uma melhor idade. Retratos: Longevidade: viver bem e cada vez mais. 2019;16:19–25.
65. WHO. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde [Internet]. United States of America: World Health Organization; 2015 [citado 1º de novembro de 2020] p. 30. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186463/9789240694811_eng.pdf?sequence=1
66. UN. World Population Prospects - United Nations [Internet]. Department of Economic and Social Affairs - Population Dynamics; 2019 [citado 2 de novembro de 2020]. Disponível em: <https://population.un.org/wpp2019/>
67. Oliveira AS. Transição Demográfica, Transição Epidemiológica e Envelhecimento Populacional no Brasil. Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde. 1º de novembro de 2019;15(32):69–79.
68. Silva IMM, Silva SCD da. O encontro intergeracional entre crianças e idosos como espaço de construção de cidadania na infância. Revista Espaço Pedagógico. 28 de julho de 2020;27(2):348–74.
69. Cavalli A. Concetto di Gioventù. In: Generazione Enciclopedia delle scienze sociali [Internet]. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana Treccani; 1994 [citado 1º de novembro de 2020]. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/giovani_\(Enciclopedia-delle-scienze-sociali\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/giovani_(Enciclopedia-delle-scienze-sociali))
70. Höpflinger F. Concepts, définitions et théories. In: Générations - structures et relations: Rapport « Générations en Suisse ». Zurich et Genève: Editions Seismo; 2009. p. 18–41.
71. Donati PP. Familias y generaciones. Desacatos Revista de Ciencias Sociales. 3 de julho de 2014;0(2):27–49.
72. Lüscher K. Ambivalence: A key concept for the study of intergenerational relations. In: Family issues between gender and generations: seminar report. Luxembourg : Lanham, Md: Office for Official Publications of the European Communities ; Bernan Associates [distributor]; 2000. p. 11–25. (Employment & social affairs).
73. Martínez MS, Conde PD. Componentes de un Programa Intergeneracional (PI). In: La evaluación de los programas intergeneracionales. Granada, ES: Imsero; 2007. p. 11–8.
74. Newman S, Sánchez M. Los programas intergeneracionales: Concepto, historia y modelos. In: Programas intergeneracionales: hacia una sociedad para todas las edades [Internet]. Barcelona: Fundación “La Caixa”; 2007 [citado 1º de novembro de 2020]. p. 37–69. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=281411>
75. Nunes LNV. Promoção do Bem-Estar Subjectivo dos Idosos Através da Intergeneracionalidade [Dissertação de Mestrado]. [Coimbra, Portugal]: Universidade de Coimbra; 2009.
76. Seben G. A família em transformação: aspectos psicossociais da criança em duas distintas configurações familiares [Internet] [Dissertação de Mestrado]. [Rio Grande do

- Sul]: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2010 [citado 16 de dezembro de 2020]. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br:80/tede2/handle/tede/719>
77. Araújo LF de, Castro JL de C, Santos JV de O. A Família e sua Relação com o Idoso: um estudo de representações sociais. *Psipesq* [Internet]. 20 de agosto de 2018 [citado 26 de maio de 2021];12(2). Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23414>
 78. Debert GG, Simões JA. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: *Tratado de Geriatria e Gerontologia* [Internet]. 4^o ed Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2016 [citado 16 de dezembro de 2020]. p. 1368–73. Disponível em: <https://www.LivrariaFlorence.com.br/produto/livro-tratado-de-geriatria-e-gerontologia-freitas-145424>
 79. Silva DM da, Vilela ABA, Nery AA, Duarte ACS, Alves M dos R, Meira SS. Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil. *Ciênc saúde coletiva*. julho de 2015;20:2183–91.
 80. Goldfarb DC, Lopes RGC. Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre gerações. In: *Tratado de Geriatria e Gerontologia* [Internet]. 4^o ed Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2016 [citado 16 de dezembro de 2020]. p. 1374–82. Disponível em: <https://www.livrariaflorence.com.br/produto/livro-tratado-de-geriatria-e-gerontologia-freitas-145424>
 81. Silva SDG da. “Aprende com quem sabe”: um projeto de promoção da Intergeneracionalidade [Internet] [Dissertação de Mestrado]. [Braga, Portugal]: Universidade do Minho; 2018 [citado 14 de março de 2021]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/>
 82. Massi G, Santos AR dos, Berberian AP, Ziesemer N de B. Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos. *Rev CEFAC*. abril de 2016;18(2):399–407.
 83. Silva CV da, Fonseca EP. Projeto Entre Gerações - promoção da saúde, bem-estar e educação através da intergeracionalidade. In: *Health and Well-Being Intervention International Congress* [Internet]. Viseu, Portugal; 2019 [citado 14 de março de 2021]. Disponível em: http://workjournal.org/sites/default/files/inline-files/13.%20Resumo%20Congresso%20Viseu_CVS_EPF.pdf
 84. Newman S. Remembering the Past and Preparing for an Intergenerational Future. *Journal of Intergenerational Relationships*. 2 de outubro de 2014;12(4):304–16.
 85. Mainetti AC, Wanderbroocke ACN de S. Avós que assumem a criação de netos. *Pensando famílias*. julho de 2013;17(1):87–98.
 86. Cardoso VS. Os avós e a Concessão de Guarda Judicial de Netos na Perspectiva do Ciclo de Vida Familiar [Internet] [Tese de Doutorado]. [Brasília]: Universidade de Brasília; 2010 [citado 12 de fevereiro de 2020]. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/7868>
 87. Silva AM. A colaboração dos avós na educação dos netos. *EDU*. 29 de setembro de 2012;1(1):67–75.

88. Cardoso AR, Brito LMT de. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF*. dezembro de 2014;19(3):433–41.
89. Pimenta VAR, Barbosa C de O, Gonçalves C, Cardoso G de S, Brumano G, Brandi MT. Ansiedade, Depressão e Qualidade de Vida em Idosos. *ANAIS SIMPAC* [Internet]. 18 de maio de 2015 [citado 26 de maio de 2021];5(1). Disponível em: <https://academico.univcosa.com.br/revista/index.php/RevistaSimpac/article/view/105>
90. Eli K, Howell K, Fisher PA, Nowicka P. A question of balance: Explaining differences between parental and grandparental perspectives on preschoolers' feeding and physical activity. *Social Science & Medicine*. 1º de abril de 2016;154:28–35.
91. Jingxiong J, Rosenqvist U, Huishan W, Greiner T, Guangli L, Sarkadi A. Influence of grandparents on eating behaviors of young children in Chinese three-generation families. *Appetite*. 1º de maio de 2007;48(3):377–83.
92. Santos JL dos. Cultura e Diversidade. In: *O que é cultura*. 1º ed São Paulo, Brasil: Brasiliense; 2017. p. 96.
93. Bankoff ADP, Bispo IMP, Sousa MAB de. Estudo da Cultura Alimentar, Hábitos de Vida e Influências sobre as Doenças Crônicas não Transmissíveis. *Revista Saúde e Meio Ambiente*. 1º de maio de 2020;10(1):1–18.
94. Bankoff ADP, Arruda MD, Bispo IMGP, Rodrigues MD. Doenças Crônicas não Transmissíveis: história familiar, hábitos alimentares e sedentarismo em alunos de graduação de ambos os sexos. *Revista Saúde e Meio Ambiente*. 3 de setembro de 2017;5(2):37–56.
95. Montanari M. Comida como Cultura. *Revista de Ciências Sociais*. 2009;40(1):5.
96. Aparício G. Ajudar a desenvolver hábitos alimentares saudáveis na infância. *Rev Mill*. 4 de fevereiro de 2016;(38):283–98.
97. Melo KM, Cruz ACP, Brito MFSE, Pinho L de. Influence of parents' behavior during the meal and on overweight in childhood. *Esc Anna Nery* [Internet]. 28 de setembro de 2017 [citado 6 de junho de 2021];21(4). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452017000400226&lng=en&tlng=en
98. Rodrigues VM, Fiates GMR. Hábitos alimentares e comportamento de consumo infantil: influência da renda familiar e do hábito de assistir à televisão. *Revista de Nutrição*. junho de 2012;25(3):353–62.
99. Jesus GM de, Vieira GO, Vieira TO, Martins C da C, Mendes CMC, Castelão ES. Determinants of overweight in children under 4 years of age. *J Pediatr (Rio J)*. 11 de agosto de 2010;86(4):311–6.
100. Rossi A, Moreira EAM, Rauen MS. Determinants of eating behavior: a review focusing on the family. *Revista de Nutrição*. dezembro de 2008;21(6):739–48.
101. Santana S de O. Caracterização do consumo alimentar e seus determinantes entre adolescentes de escolas públicas e privadas das capitais brasileiras e do Distrito

- Federal. 25 de junho de 2014 [citado 6 de junho de 2021]; Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19239>
102. Quaioti TCB, Almeida S de S. Determinantes psicobiológicos do comportamento alimentar: uma ênfase em fatores ambientais que contribuem para a obesidade. *Psicol USP*. 2006;17(4):193–211.
 103. Moraes R. Análise de Conteúdo. *Revista Educação*,. 1999;22(37):7–32.
 104. Dicio. Significado de Convívio [Internet]. Dicionário Online de Português. 2021 [citado 7 de junho de 2021]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/convivio/>
 105. Ranst NV, Verschueren K, Marcoen A. The Meaning of Grandparents as Viewed by Adolescent Grandchildren: An Empirical Study in Belgium. *The International Journal of Aging and Human Development*. 1995;41(4):311–24.
 106. Peixoto R, Gonçalves CM. Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade - Versão Avós à população portuguesa. *Laboratório de Psicologia*. 4 de dezembro de 2014;12(2):99–112.
 107. Mussoi TD. Capítulo 7: Avaliação Dietética. In: *Avaliação Nutricional na Prática Clínica* [Internet]. 1º ed Guanabara Koogan; 2014 [citado 12 de outubro de 2020]. p. 320. Disponível em: <https://www.LivrariaFlorence.com.br/produto/livro-avaliacao-nutricional-na-pratica-clinica-mussoi-129089>
 108. Likert R. A technique for the measurement of attitudes. *Archives of Psychology*. 1932;22 140:55–55.
 109. Bates JS, Taylor AC. Grandfather Involvement: Contact Frequency, Participation in Activities, and Commitment. *The Journal of Men’s Studies*. 1º de outubro de 2013;21(3):305–22.
 110. Bates JS, Taylor AC. Taking stock of theory in grandparent studies. In: *Handbook of family theories: A content-based approach*. New York, NY, US: Routledge/Taylor & Francis Group; 2013. p. 51–70.
 111. Breheny M, Stephens C, Spilsbury L. Involvement without interference: How grandparents negotiate intergenerational expectations in relationships with grandchildren. *Journal of Family Studies*. 1º de agosto de 2013;19(2):174–84.
 112. Burke M, Adamic LA, Marciniak K. Families on Facebook. In Cambridge, MA: Association for the Advancement of Artificial Intelligence; 2013. p. 238–50.
 113. Di Gessa G, Glaser K, Tinker A. The Health Impact of Intensive and Nonintensive Grandchild Care in Europe: New Evidence From SHARE. *J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci*. 1º de setembro de 2016;71(5):867–79.
 114. Marhánková JH. The Changing Practices and Meanings of Grandparenthood. Reflections on the Demographical Trends and Changing Representations of Ageing. *Sociology Compass*. 2015;9(4):309–19.

115. Manso MEG, Galera PB. Perfil de um Grupo de Idosos Participantes de um Programa de Prevenção de Doenças Crônicas. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento [Internet]. 2 de setembro de 2015 [citado 18 de maio de 2021];20(1). Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/41264>
116. Criado GM, Triadó C, Posada FV. El rol y la importancia de los abuelos para sus nietos adolescentes. Anuario de psicología / The UB Journal of psychology. 12 de janeiro de 2000;107–18.
117. Tur CT, Posada FV. El rol de abuelo: cómo perciben los abuelos las relaciones con sus nietos. Rev Esp Geriatr Gerontol. 2000;35(2):30–6.
118. Maximiano-Barreto MA, Fermoseli AF de O. Prevalência de Ansiedade e Depressão em Idosos de Baixa Escolaridade em Maceió/AL. Psic, Saúde & Doenças. 30 de novembro de 2017;18(3):801–14.
119. Sousa DHAV de, Silva J da, Vieira KFL, Silva NL dos S. Saúde Mental de Avós Responsáveis por seus Netos. 1. novembro de 2019;1-388–416.
120. Minghelli B, Tomé B, Nunes C, Neves A, Simões C. Comparação dos Níveis de Ansiedade e Depressão entre Idosos Ativos e Sedentários. Arch Clin Psychiatry (São Paulo). 2013;40:71–6.
121. Pinto B de OS, Coleho-Júnior JBL, Carreteiro TCOC. Aposentadoria no Brasil: uma reflexão sobre os horizontes da população produtiva. Revista Brasileira de Engenharia de Produção. 23 de abril de 2019;5(2):20–30.
122. IBGE. Brasil em Síntese: proporção da população por sexo [Internet]. 2010 [citado 16 de maio de 2021]. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-sexo.html>
123. Falcão DV da S, Salomão NMR. O papel dos avós na maternidade adolescente. Estud psicol (Campinas). junho de 2005;22:205–12.
124. Triadó C, Villar F, Solé C, José Osuna M, Celdrán M. Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos en una muestra de díadas: una aproximación cualitativa. Revista Española de Geriátría y Gerontología. 1º de março de 2006;41(2):100–10.
125. Fernandes J da SG, Costa BHR da, Andrade MS de. Representações Sociais de Idosos sobre a Família. CienciasPsi. 15 de maio de 2017;41–8.
126. Pinto KLB, Arrais A da R, Brasil KCTR. Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. Psico-USF. abril de 2014;19(1):37–47.
127. Oliveira ARV, Vianna LG, Cárdenas CJ de. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. Rev bras geriatr gerontol. dezembro de 2010;13(3):461–74.
128. Carstensen LL. Evidence for a Life-Span Theory of Socioemotional Selectivity. Curr Dir Psychol Sci. 1º de outubro de 1995;4(5):151–6.
129. Del Boca D, Piazzalunga D, Pronzato C. Early Child Care and Child Outcomes: The Role of Grandparents [Internet]. Rochester, NY: Social Science Research Network;

- 2014 out [citado 24 de setembro de 2020] p. 35. Report No.: ID 2514758. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/abstract=2514758>
130. Yorgason JB, Padilla-Walker L, Jackson J. Nonresidential Grandparents' Emotional and Financial Involvement in Relation to Early Adolescent Grandchild Outcomes. *Journal of Research on Adolescence*. 2011;21(3):552–8.
 131. Carlos Manuel Gonçalves RJ de OPP. A Relação entre Avós e Netos Efeitos no Desenvolvimento Vocacional na Construção de Significados de Trabalho e no Auto-conceito Acadêmico [Tese de Doutorado]. [Porto, Portugal]: Universidade do porto; 2015.
 132. Crosnoe R, Elder GH. Life Course Transitions, the Generational Stake, and Grandparent-Grandchild Relationships. *Journal of Marriage and Family*. 2002;64(4):1089–96.
 133. Griggs J, Tan J-P, Buchanan A, Attar-Schwartz S, Flouri E. 'They've Always Been There for Me': Grandparental Involvement and Child Well-Being. *Children & Society*. 2010;24(3):200–14.
 134. Hank K, Cavrini G, Di Gessa G, Tomassini C. What do we know about grandparents? Insights from current quantitative data and identification of future data needs. *Eur J Ageing*. 1º de setembro de 2018;15(3):225–35.
 135. Cardoso AR, Brito LMT de. Being a grandmother in contemporary family: which way is that? *Psico-USF*. dezembro de 2014;19(3):433–41.
 136. Mansson DH. Grandparents' Expressed Affection for Their Grandchildren: Examining The Grandparents' Own Psychological Health. *Communication Research Reports*. 2 de outubro de 2014;31(4):329–38.
 137. Powdthavee N. Life Satisfaction and Grandparenthood: Evidence from a Nationwide Survey [Internet]. Rochester, NY: Social Science Research Network; 2011 ago [citado 30 de outubro de 2020]. Report No.: ID 1906172. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/abstract=1906172>
 138. Mansson DH. The Joy of Grandparenting: A Qualitative Analysis of Grandparents. *Journal of Intergenerational Relationships*. 2 de abril de 2016;14(2):135–45.
 139. Dutra HM de SMOM. O papel da avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos [Internet] [Dissertação de Mestrado]. [Lisboa]: Universidade de Lisboa; 2008 [citado 12 de fevereiro de 2020]. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1028>
 140. Rinaldi AEM, Pereira AF, Macedo CS, Mota JF, Burini RC. Feeding practices and physical inactivity contributions to childhood overweight. *Revista Paulista de Pediatria*. setembro de 2008;26(3):271–7.
 141. Ministério da Saúde. Brasil assume meta para reduzir 144 mil toneladas de açúcar até 2022 [Internet]. Portal da Secretaria de Atenção Primária a Saúde (SAPS). 2018 [citado 7 de junho de 2021]. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/noticia/4854>

142. Nunes MM de A, Figueiroa JN, Alves JGB. Overweight, physical activity and foods habits in adolescents from different economic levels, Campina Grande (PB). Revista da Associação Médica Brasileira. abril de 2007;53(2):130–4.
143. Bankoff ADP, Zago LC. Studies of anthropometric indicators and their relationship with metabolic variables. Open Journal of Preventive Medicine [Internet]. 29 de janeiro de 2014 [citado 7 de junho de 2021];2014. Disponível em: <http://www.scirp.org/journal/PaperInformation.aspx?PaperID=42667>

ANEXOS

ANEXO 1 - ESCALA DE SIGNIFICADOS DA GRÃ-PARENTALIDADE - VERSÃO AVÓS ADAPTADA

Nome completo: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Unidade UniSER: _____

Nome neto/a: _____ Telefone neto: _____

Sexo: Fem Masc Celular: _____ Telefone: _____Estado civil: Solteiro(a) Casado(a) Divorciado(a) Viúvo(a)Residência: Urbana Rural Escolaridade: Analfabeto 1º grau incompleto 1º grau completo 2º grau incompleto 2º grau completo Curso profissionalizante incompleto Curso profissionalizante completo Graduação incompleta Graduação completa Pós-graduação Mestrado DoutoradoProfissão: _____ Ativo Aposentado DesempregadoRenda familiar: _____ Mora com quem: Sozinho Filho(s) Neto(s) Amigo(s) Outro _____ Linhagem: Paterna Materna Número de netos: _____

Idade do neto mais novo: _____ Idade do neto mais velho: _____

Com que idade foi avô/ó pela primeira vez: _____ Frequência de contato com os netos:

 Diária Várias vezes por semana Final de semana Mensal Festas e eventos

Nas folhas que se seguem irá encontrar afirmações sobre a relação que tem com o(a) seu(sua) neto(a). Pense se estas afirmações são verdadeiras e a frequência com que elas acontecem levando em consideração a tabela de frequência abaixo e circule a opção que melhor se adequar. Assinale apenas UMA resposta para cada frase.

①	②	③	④	⑤
NUNCA	RARAMENTE	AS VEZES	QUASE SEMPRE	SEMPRE

- | | | |
|----|---|-----------|
| 1 | Dou dinheiro ao meu neto(a). | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 2 | Quando os seus pais não estão, sou eu quem se encarrega de cuidar do meu neto(a). | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 3 | Desloco-me a casa dos meus filhos para ver os meus netos(as). | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 4 | O meu neto(a) conta-me os seus problemas e preocupações. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 5 | Explico ao meu neto(a) a história da família. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 6 | Aconselho o meu neto(a) nas decisões que tem de tomar. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 7 | Ajudo o meu neto(a) nas suas tarefas escolares ou noutras responsabilidades. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 8 | Visitar-me é, para o meu neto(a), mais uma obrigação que um prazer. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 9 | Aconselho o meu neto(a) que evite fazer coisas que o(a) possam prejudicar. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 10 | Quando o meu neto(a) discute com os seus pais, intercedo a seu favor. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 11 | Costumo contar os meus problemas e preocupações ao meu neto(a). | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 12 | Faço companhia ao meu neto(a) quando está sozinho(a). | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 13 | O meu neto(a) acompanha-me na ida a eventos sociais e culturais | ① ② ③ ④ ⑤ |

- de meu interesse (festas, shows, bailes, cinema, teatro, etc).
- 14 Converso com o meu neto(a) sobre gostos que temos em comum. (1) (2) (3) (4) (5)
- 15 Quando os seus pais têm que sair, vou a casa do meu neto(a). (1) (2) (3) (4) (5)
- 16 Conto ao meu neto(a) como eu era quando jovem. (1) (2) (3) (4) (5)
- 17 O meu neto(a) pede-me conselhos quando tem de tomar uma decisão importante. (1) (2) (3) (4) (5)
- 18 Quando os seus pais repreendem o meu neto(a), tento que eles o(a) escutem e compreendam a sua postura. (1) (2) (3) (4) (5)
- 19 O meu neto(a) faz pouco caso/não me dá ouvidos quando o aconselho de alguma forma. (1) (2) (3) (4) (5)
- 20 Quando o meu neto(a) está doente, apareço para ajudar. (1) (2) (3) (4) (5)
- 21 O meu neto(a) conta-me coisas que não se atreve a contar aos seus pais. (1) (2) (3) (4) (5)
- 22 Repreendo o meu neto(a) quando faz ou diz coisas que acho que são inadequadas. (1) (2) (3) (4) (5)
- 23 Permito ao meu neto(a) coisas que os seus pais não permitem. (1) (2) (3) (4) (5)
- 24 Quando o meu neto(a) se aborrece com os seus pais, dou razão a eles. (1) (2) (3) (4) (5)
- 25 Não me atrevo a brigar com o meu neto(a), ainda que diga coisas de que não gosto. (1) (2) (3) (4) (5)
- 26 Não compreendo muitas das coisas de que o meu neto(a) gosta. (1) (2) (3) (4) (5)
- 27 Os pais permitem demasiadas coisas ao meu neto(a). (1) (2) (3) (4) (5)
- 28 O meu neto(a) preocupa-se muito menos comigo do que eu me preocupo com ele(a). (1) (2) (3) (4) (5)
- 29 Quando não entendo alguma coisa peço ao meu neto(a) que me explique. (1) (2) (3) (4) (5)
- 30 O meu neto(a) gosta quando está comigo. (1) (2) (3) (4) (5)
- 31 Conto ao meu neto(a) o que fazíamos quando eu tinha a sua idade. (1) (2) (3) (4) (5)
- 32 Compro presentes ao meu neto(a). (1) (2) (3) (4) (5)
- 33 O meu neto se parece comigo quando eu tinha a sua idade. (1) (2) (3) (4) (5)
- 34 O meu neto(a) respeita-me. (1) (2) (3) (4) (5)
- 35 O meu neto(a) conta-me como vai a escola ou o trabalho. (1) (2) (3) (4) (5)
- 36 Sou muito velho(a) para entender o meu neto(a). (1) (2) (3) (4) (5)
- 37 Ensino ao meu neto(a) coisas importantes para a vida. (1) (2) (3) (4) (5)
- 38 Se o meu neto(a) tivesse mais tempo livre, passaria mais tempo comigo. (1) (2) (3) (4) (5)
- 39 Gosto quando estou com o meu neto(a). (1) (2) (3) (4) (5)
- 40 O meu neto(a) é demasiado jovem para me entender. (1) (2) (3) (4) (5)
- 41 Quando o meu neto(a) discute com os seus pais, procuro não me meter. (1) (2) (3) (4) (5)
- 42 Gosto de cozinhar. (1) (2) (3) (4) (5)
- 43 Cozinho para o(a) meu(minha) neto(a). (1) (2) (3) (4) (5)
- 44 Cozinho na companhia e com a ajuda do(a) meu(minha) neto(a). (1) (2) (3) (4) (5)
- 45 Ofereço os seguintes alimentos ao(a) meu(minha) neto(a) nas seguintes refeições.
-
-

-
-
-
-
-
-
-
-
- 46 Ofereço doces (bala, chocolate, torta, sorvete, pipoca doce, entre outros) ao(a) meu(minha) neto(a). ① ② ③ ④ ⑤
- 47 Ofereço fast food (hambúrguer, pizza, cachorro quente) e/ou frituras (pastel, batata frita, coxinha) ao(a) meu(minha) neto(a). ① ② ③ ④ ⑤
- 48 Ofereço refrigerante ao(a) meu(minha) neto(a). ① ② ③ ④ ⑤
- 49 Ofereço verduras ao(a) meu(minha) neto(a). ① ② ③ ④ ⑤
- 50 Ofereço frutas ao(a) meu(minha) neto(a). ① ② ③ ④ ⑤
- 51 Levo em consideração o valor nutricional do alimento que ofereço ao(a) meu(minha) neto(a). ① ② ③ ④ ⑤
- 52 Quando o(a) meu(minha) neto(a) adoece costumo oferecer um alimento específico para que ele melhore. ① ② ③ ④ ⑤
- 53 Ofereço os seguintes alimentos ao(a) meu(minha) neto(a) quando ele(a) está doente.

-
-
-
-
-
-
-
-
- 54 Ensinei receitas de família para o(a) meu(minha) neto(a). ① ② ③ ④ ⑤
- 55 Ensinei as seguintes receitas de família ao(a) meu(minha) neto(a).

-
-
-
-
-
-
-
-
- 56 Qual a comida preferida do seu neto?

-
-
-
-
-
-
-
-
- 57 Você acredita que influenciou o modo como seus netos se alimentam? Como?

ANEXO 2 - ESCALA DE SIGNIFICADOS DA GRÃ-PARENTALIDADE - VERSÃO NETOS ADAPTADA

Nome completo: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Unidade UniSER avô/ó: _____

Nome avô/ó: _____ Telefone avô/ó: _____

Sexo: Fem Masc Celular: _____ Telefone: _____

Estado civil: Solteiro(a) Casado(a) Divorciado(a) Viúvo(a)

Residência: Urbana Rural Escolaridade: Analfabeto 1º grau incompleto 1º grau completo 2º grau incompleto 2º grau completo Curso profissionalizante incompleto Curso profissionalizante completo Graduação incompleta Graduação completa Pós-graduação Mestrado Doutorado

Profissão: _____ Ativo Desempregado

Renda familiar: _____ Mora com quem: Sozinho Pais Avós Amigo(s) Outro _____ Linhagem: Paterna Materna Número de avós vivos: _____

Conheceu quantos avós ao todo: _____ Frequência de contato com os avós:

Diária Várias vezes por semana Final de semana Mensal Festas e eventos

Nas folhas que se seguem irá encontrar afirmações sobre a relação que tem com o(a) seu(sua) avô(avó). Pense se estas afirmações são verdadeiras e a frequência com que elas acontecem levando em consideração a tabela de frequência abaixo e circule a opção que melhor se adequar. Assinale apenas UMA resposta para cada frase.

①	②	③	④	⑤
NUNCA	RARAMENTE	AS VEZES	QUASE SEMPRE	SEMPRE

- | | |
|---|-----------|
| 1 O/A meu/minha avô/avó dá-me dinheiro. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 2 Quando os meus pais não estão, é o meu/minha avô/avó que assume essas funções. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 3 O meu/minha avô/avó vem até minha casa para ficar comigo. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 4 Conto ao meu/minha avô/avó os meus problemas e preocupações. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 5 O meu/minha avô/avó conta-me histórias sobre a nossa família. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 6 O meu/minha avô/avó aconselha-me sobre as decisões que eu tenho que tomar. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 7 O meu/minha avô/avó ajuda-me nas tarefas escolares e noutros assuntos. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 8 Para mim, visitar o meu/minha avô/avó é mais uma obrigação do que um prazer. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 9 O meu/minha avô/avó avisa-me das coisas que podem me prejudicar. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 10 Quando discuto com os meus pais, o meu/minha avô/avó intercede a meu favor. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 11 O meu/minha avô/avó partilha comigo os seus problemas e preocupações. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 12 O meu/minha avô/avó faz-me companhia quando estou sozinho. | ① ② ③ ④ ⑤ |
| 13 Acompanho o meu/minha avô/avó a eventos sociais e culturais de seu interesse (festas, shows, bailes, cinema, teatro, etc). | ① ② ③ ④ ⑤ |

- 14 Converso com o meu/minha avô/avó sobre interesses em comum. (1) (2) (3) (4) (5)
- 15 Quando os meus pais não estão, o meu/minha avô/avó vem ficar comigo. (1) (2) (3) (4) (5)
- 16 O meu/minha avô/avó conta-me histórias sobre quando ele/ela era jovem. (1) (2) (3) (4) (5)
- 17 Quando tenho que tomar uma decisão importante, peço ao meu/minha avô/avó a sua opinião. (1) (2) (3) (4) (5)
- 18 Quando os meus pais brigam comigo, o meu/minha avô/avó tenta fazer com que eles me ouçam e compreendam. (1) (2) (3) (4) (5)
- 19 Quando o meu/minha avô/avó me dá um conselho, não dou importância ao que ele diz. (1) (2) (3) (4) (5)
- 20 Quando fico doente, o meu/minha avô/avó fica preocupado comigo. (1) (2) (3) (4) (5)
- 21 Conto coisas ao meu/minha avô/avó que não tenho coragem de contar aos meus pais. (1) (2) (3) (4) (5)
- 22 O meu/minha avô/avó briga comigo quando digo ou faço coisas inadequadas. (1) (2) (3) (4) (5)
- 23 O meu/minha avô/avó me permite fazer coisas que os meus pais não me permitem. (1) (2) (3) (4) (5)
- 24 Quando me aborreço com os meus pais, o meu/minha avô/avó dá razão a eles. (1) (2) (3) (4) (5)
- 25 O meu/minha avô/avó não briga comigo, mesmo que eu faça coisas que lhe desagrade. (1) (2) (3) (4) (5)
- 26 O meu/minha avô/avó não compreende muitas das coisas que eu gosto. (1) (2) (3) (4) (5)
- 27 O meu/minha avô/avó acha que os meus pais são muito permissivos. (1) (2) (3) (4) (5)
- 28 O meu/minha avô/avó preocupa-se mais comigo do que eu com ele. (1) (2) (3) (4) (5)
- 29 Quando o meu/minha avô/avó não percebe algo, pede-me para lhe explicar. (1) (2) (3) (4) (5)
- 30 Sinto-me bem quando estou com o meu/minha avô/avó. (1) (2) (3) (4) (5)
- 31 O meu/minha avô/avó conta-me o que faziam as pessoas da sua geração quando tinham a minha idade. (1) (2) (3) (4) (5)
- 32 O meu/minha avô/avó dá-me presentes. (1) (2) (3) (4) (5)
- 33 Respeito o meu/minha avô/avó. (1) (2) (3) (4) (5)
- 34 Conto ao meu/minha avô/avó como estão indo meus estudos ou o meu trabalho. (1) (2) (3) (4) (5)
- 35 O meu/minha avô/avó é muito velho para me compreender. (1) (2) (3) (4) (5)
- 36 O meu/minha avô/avó ensina-me coisas importantes para a vida. (1) (2) (3) (4) (5)
- 37 Se tivesse mais tempo livre, passaria mais tempo com o meu/minha avô/avó. (1) (2) (3) (4) (5)
- 38 O meu/minha avô/avó sente-se bem quando está comigo. (1) (2) (3) (4) (5)
- 39 Sou muito novo para conseguir compreender o meu/minha avô/avó. (1) (2) (3) (4) (5)
- 40 Quando discuto com os meus pais, o meu/minha avô/avó não intercede. (1) (2) (3) (4) (5)
- 41 Gosto de ensinar coisas ao meu/minha avô/avó. (1) (2) (3) (4) (5)
- 42 Gosto que o meu/minha avô/avó me peça para lhe ensinar coisas. (1) (2) (3) (4) (5)
- 43 Aprecio o tempo que passo com o meu/minha avô/avó. (1) (2) (3) (4) (5)
- 44 O meu/minha avô/avó faz-me sentir mais adulto. (1) (2) (3) (4) (5)

- 45 O meu/minha avô/avó influencia a maneira como me sinto comigo mesmo. (1) (2) (3) (4) (5)
- 46 Meu(minha) avô(avó) cozinha para mim. (1) (2) (3) (4) (5)
- 47 Eu gosto quando meu(minha) avô(avó) cozinha para mim. (1) (2) (3) (4) (5)
- 48 Faço companhia e/ou ajudo meu(minha) avô(avó) a cozinhar. (1) (2) (3) (4) (5)
- 49 Meu(minha) avô(avó) me oferece os seguintes alimentos nas seguintes refeições.

- 50 Meu(minha) avô(avó) me oferece doces (bala, chocolate, torta, sorvete, pipoca doce, entre outros). (1) (2) (3) (4) (5)
- 51 Meu(minha) avô(avó) me oferece fast food (hambúrguer, pizza, cachorro quente) e/ou frituras (pastel, batata frita, coxinha). (1) (2) (3) (4) (5)
- 52 Meu(minha) avô(avó) me oferece refrigerante. (1) (2) (3) (4) (5)
- 53 Meu(minha) avô(avó) me oferece verduras. (1) (2) (3) (4) (5)
- 54 Meu(minha) avô(avó) me oferece frutas. (1) (2) (3) (4) (5)
- 55 Quando eu fico doente meu(minha) avô(avó) me oferece um alimento específico para que eu melhore. (1) (2) (3) (4) (5)
- 56 Meu(minha) avô(avó) me oferece os seguintes alimentos quando estou doente.

- 57 Meu(minha) avô(avó) me ensinou receitas de família. (1) (2) (3) (4) (5)
- 58 Meu(minha) avô(avó) me ensinou as seguintes receitas de família.

- 59 Qual a sua comida preferida?

- 60 Você acredita que seus avós influenciaram o modo como você se alimenta? Como?

ANEXO 3 - ARTIGO

Significance of Food in the Intergenerational Relationship Between Grandparents and Grandchildren

Abstract

Objective: To analyze the intergenerational perception regarding the alimentary influence and the grandparenting dimensions of grandparents on their grandchildren.

Methods: This is an analytical and cross-sectional study, which used the Ranst Grandparent Meaning Scale in an adapted way. To analyze the food influence, a questionnaire based on the clinical anamnesis with Likert scale was elaborated for grandparents and grandchildren. Results: The average age of grandparents and grandchildren was 65.39 ± 7.28 and 18.24 ± 5.94 years, respectively. Most of the grandparents were from maternal lineage (>70%). Significant differences were found in the grandparenting dimensions of Care, Leisure, and Link to the Past. As for the alimentary influence it was noted that grandparents with higher scores on Affectivity ($r=0.463$) and Leisure ($r=0.400$) dimensions, have higher alimentary influence under their grandchildren. Conclusion: It was identified that there is an alimentary influence of grandparents on their grandchildren in different measures of grandparenting, where the dimensions of Counseling, Leisure and Affectivity proved to be superior to the others.

Keywords: Aged; Food; Grandparents; Parenting.

ANEXO 4 – NORMAS DA REVISTA

Nome do periódico: Interface – Comunicação, Saúde, Educação

Classificação do periódico: Interdisciplinar – A2

INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES

ESCOPO E POLÍTICA EDITORIAL

Interface - Comunicação, Saúde, Educação é um periódico aberto, interdisciplinar, on-line publicado pela Unesp (Laboratório de Comunicação e Educação em Saúde - Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Botucatu). Tem como missão publicar artigos originais e outros materiais relevantes sobre as práticas de Educação e Comunicação em Saúde, a formação de profissionais de Saúde (universitários e em serviço) e Saúde Coletiva na sua articulação com a Filosofia, Artes e Ciências Sociais e Humanas, que contribuem para o avanço do conhecimento nessas áreas. Abordagens críticas e inovadoras e pesquisas qualitativas são priorizadas. A revista faz parte da coleção de revistas indexadas na base de dados SciELO e adota o sistema ScholarOne Manuscripts para submissão e avaliação de manuscritos (<http://mc04.manuscriptcentral.com/icse-scielo>).

A revista não cobra pela submissão e acesso aos artigos. Publica apenas textos originais que nunca foram publicados em outro lugar, na forma de artigos de livre demanda, artigos analíticos e / ou ensaios, resenhas de temas atuais, resenhas críticas, relatos de experiência, debates, entrevistas, e também cartas e notas sobre eventos e assuntos de interesse. A revista também publica temas relevantes e / ou emergentes, desenvolvidos por autores convidados, especialistas no assunto. Não são aceitas traduções de textos publicados em outro idioma. Os manuscritos submetidos têm seu mérito científico avaliado por pares considerando os seguintes critérios: originalidade e relevância do tema, rigor científico e consistência teórica e metodológica. Os revisores são selecionados entre membros do Conselho Editorial ou consultores ad hoc, pesquisadores no âmbito da área de atuação, de diferentes regiões e instituições de ensino e / ou pesquisa. Os editores se reservam o direito de fazer alterações e / ou recortes nos originais recebidos para adequá-los às normas da revista, mantendo o estilo e o conteúdo.

A Interface segue os princípios de ética em publicações científicas que constam do código de conduta do Comitê de Ética em Publicações (COPE), <http://publicationethics.org>, e utiliza o sistema Turnitin (licenciado pela Unesp) para identificação de plágio.

Todo o conteúdo da interface, exceto quando informado de outra forma, é licenciado sob uma licença Creative Commons do tipo CC-BY. Para obter mais detalhes, visite:

<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Os autores devem ler as Instruções aos Autores cuidadosamente antes de enviar os manuscritos à Interface, uma vez que as submissões devem estar de acordo com os padrões da revista. O não cumprimento dessas normas pode resultar na recusa da submissão na análise inicial.

SEÇÕES DE REVISTA

Editorial - texto temático redigido pelos editores ou por pesquisadores convidados (até duas mil palavras).

Dossiê - conjunto de ensaios temáticos ou textos analíticos convidados pelos editores, resultantes de estudos originais e pesquisas de interesse da revista (até seis mil palavras).

Artigos - **textos analíticos resultantes de pesquisas teóricas ou empíricas originais referentes a temas de interesse da revista (até seis mil palavras).**

Review - textos de revisão de literatura sobre temas bem estabelecidos e pertinentes ao escopo da revista (até seis mil palavras).

Debates - conjunto de textos sobre temas atuais e / ou polêmicos propostos pelos editores ou por colaboradores e debatidos por especialistas, que expõem seus pontos de vista (Texto de abertura: até seis mil palavras; textos dos debatedores: até mil e cinco cem palavras; resposta: até mil e quinhentas palavras).

Espaço aberto - textos fundamentados teoricamente que descrevem e analisam criticamente experiências relevantes para o escopo da revista (até cinco mil palavras).

Entrevistas - testemunhos de pessoas cujas histórias de vida ou realizações profissionais são relevantes para as áreas da revista (até seis mil palavras).

Resenhas críticas - textos de análise crítica de obras publicadas no Brasil ou no exterior nos últimos dois anos, apresentando novos conhecimentos além do simples resumo da publicação, na forma de livros, filmes ou outras produções recentes relevantes para os temas de abrangência da revista (até três mil palavras).

Criação - textos de reflexão sobre temas de interesse da revista, em interface com os campos das Artes e da Cultura, que utilizam, na sua apresentação formal, recursos iconográficos, poéticos, literários, musicais e audiovisuais, entre outros, de forma a fortalecer e dar consistência à discussão proposta.

Notas breves - notas sobre eventos, acontecimentos, projetos inovadores e obituários com uma análise do trabalho da pessoa e contribuição científica (até duas mil palavras).

Cartas ao editor - comentários sobre publicações da revista e notas ou opiniões sobre assuntos de interesse dos leitores (até mil palavras).

Nota

O número total de palavras do texto inclui referências, gráficos e tabelas e exclui título, resumo e palavras-chave.

FORMA E PREPARAÇÃO DE MANUSCRITOS

Formato e Estrutura

1 Os manuscritos devem ser digitados em Word ou RTF, utilizando fonte Arial 12 pontos, respeitando o número máximo de palavras estabelecido para cada seção da revista.

Todos os manuscritos submetidos para publicação, sem exceção, devem conter autoria com filiação completa (instituição, cidade, estado e país), título (diferente do da seção), citações e referências. Devem conter também resumo e palavras-chave relacionadas ao tema nos três idiomas da revista (português, inglês e espanhol), exceto nas seguintes seções: Críticas, Entrevistas, Breves Notas e Cartas ao Editor.

Notas

. O texto inicial da seção Debates deve conter título, resumo e palavras-chave relacionadas ao tema nos três idiomas da revista (português, inglês e espanhol). Os demais textos desta seção devem conter apenas o título nos três idiomas da revista.

. As entrevistas devem conter título e palavras-chave nos três idiomas.

. Na primeira página, as resenhas críticas devem conter, na primeira página do texto, o título da obra em seu idioma original seguido de um subtítulo relacionado ao tema escrito pelo autor da resenha crítica.

2 Os autores devem tomar os seguintes cuidados ao enviar seus manuscritos:

- Retirar do texto todas as informações que identifiquem a autoria do texto em referências, notas de rodapé e citações, substituindo-as por NN [eliminado para fins de revisão por pares].

Os dados dos autores são informados apenas em campo específico do formulário de inscrição.

- Nos documentos do Microsoft Office, remover a identificação do autor das Propriedades do Documento (no menu Arquivo> Propriedades), iniciando em Arquivo, no menu principal, e clicando na sequência: Arquivo> Salvar como...> Ferramentas (ou Opções no Mac)> Opções de segurança...> Remover informações pessoais das propriedades do arquivo ao salvar> OK> Salvar.

- Em PDFs, para remover os nomes dos autores das Propriedades do Documento, em Arquivo, no menu principal do Adobe Acrobat.
- Informações sobre instituições que apoiaram a pesquisa e / ou sobre pessoas que colaboraram com o estudo, mas não atendem aos critérios de autoria, também constam em campo específico do formulário de inscrição.

Nota

. Se o manuscrito for aprovado para publicação, todas as informações omitidas devem ser incluídas novamente por seus autores.

3 O número máximo de autores é limitado a cinco. No caso de haver mais de cinco autores, deverá ser fornecida justificativa para análise do Editor. A autoria implica em assumir publicamente a responsabilidade pelo conteúdo do manuscrito submetido à publicação e deve se basear na contribuição efetiva dos autores na: a) concepção e desenho do estudo ou participação na discussão dos resultados do estudo; b) redação do manuscrito ou revisão crítica de seu conteúdo; c) aprovar a versão final do manuscrito. Todas essas condições devem ser atendidas e podem ser indicadas pela seguinte afirmação: Todos os autores participaram ativamente de todas as etapas da preparação do manuscrito.

Nota

. O número máximo de manuscritos do mesmo autor nos Suplementos é limitado a três.

4 A página inicial do manuscrito (Documento Principal) deve conter as seguintes informações (em português, espanhol e inglês): título, resumo e palavras-chave. O título e as palavras-chave não estão incluídos no número total de palavras do resumo. Em relação a essas informações, observar as exceções mencionadas no item 1.

4.1 Título: deve ser conciso e informativo (até vinte palavras).

Notas

. Se o título contiver uma sigla, seu significado completo deve ser incluído nas vinte palavras.

. Se o título contiver o nome de uma cidade, também devem ser incluídos o estado e o país, para serem contados nas vinte palavras.

4.2 Resumo: deve destacar os aspectos fundamentais do trabalho. Pode incluir o objetivo principal, o enfoque teórico, os procedimentos metodológicos, os resultados mais relevantes e as conclusões principais (até 140 palavras). Os autores devem evitar estruturar o Resumo em tópicos (Objetivos, Metodologia, Resultados, Conclusões).

Notas

. Se o resumo contiver uma sigla, seu significado completo deve estar incluído nas 140 palavras.

. Se o resumo contiver o nome de uma cidade, o estado e o país também devem ser incluídos, para contar até 140 palavras.

4.3 Palavras-chave: devem refletir os temas abordados (de três a cinco palavras).

5 As notas de rodapé são identificadas por pequenas letras sobrescritas entre parênteses. Eles devem ser sequenciais para as letras usadas na autoria do manuscrito. Eles também devem ser sucintos e usados somente quando estritamente necessário.

6 Os manuscritos referentes a pesquisas com seres humanos devem conter informações sobre a aprovação por Comitê de Ética da área, conforme Resolução nº. 466/2013 do Conselho Nacional de Saúde ou Resolução no. 510/2016 relacionada às especificidades éticas de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Apenas o número do processo deve ser incluído no corpo do texto, ao final da seção de metodologia. Este número deve ser mantido na versão final do manuscrito caso seja aprovado para publicação.

7 Manuscritos com ilustrações devem incluir seus respectivos créditos ou legendas. No caso de imagens de pessoas, também deve ser incluída a autorização de uso dessas imagens pela revista.

8 Imagens, figuras ou desenhos devem estar no formato tiff ou jpeg, com resolução mínima de 300 dpi, tamanho máximo de 16 x 20 cm, legenda e fonte Arial 9 pontos. Tabelas e gráficos de barras podem ser produzidos em Word ou Excel. Outros tipos de gráficos (gráfico circular, gráfico de linha, etc.) devem ser produzidos em um programa de imagem (Photoshop ou Corel Draw). Todas as ilustrações devem estar em arquivos separados do texto original (Documento Principal), com seus respectivos créditos ou legendas e numeração. No texto deve haver indicação do local em que cada um deve ser inserido.

Nota

. No caso de textos submetidos à seção Criação, as imagens devem ser digitalizadas com resolução mínima de 300 dpi e enviadas nos formatos jpeg ou tiff, tamanho mínimo de 9 x 12 cm e tamanho máximo de 18 x 21 cm.

9 Interface adota o sistema Vancouver para o estilo de citações e referências em seus manuscritos. Detalhes sobre este sistema e outras notas relacionadas ao formato dos manuscritos podem ser encontrados no final destas Instruções.

SUBMISSÃO DE MANUSCRITOS

1 O processo de submissão é realizado apenas on-line, no sistema ScholarOne Manuscripts. Para submeter manuscritos, é necessário estar cadastrado no sistema, acessando o link <http://mc04.manuscriptcentral.com/icse-scielo> e seguindo as instruções na tela. Uma vez cadastrado e logado, basta clicar em Autor para iniciar o processo de envio.

Nota

. No cadastro de todos os autores, é necessário que sejam preenchidas as palavras-chave referentes às suas áreas de atuação. Para editar o cadastro, cada autor deve fazer o login no sistema com seu nome de usuário e senha, acessar Menu, clicar no item Editar Conta, localizado no canto superior direito da tela, e inserir as áreas de atuação no passo 3. As áreas de atuação são descritas no sistema como Áreas de especialização.

2 Interface - Comunicação, Saúde, Educação aceita colaborações em português, espanhol e inglês para todas as seções. Serão avaliados apenas trabalhos originais e não publicados submetidos apenas a esta revista. Os autores devem declarar que cumpriram essas condições em um campo específico do formulário de submissão. Caso seja identificada publicação simultânea ou submissão a outro periódico, o manuscrito será desconsiderado. A submissão deve vir acompanhada de autorização para publicação assinada por todos os autores do manuscrito. O modelo do documento está disponível para upload no sistema.

3 Os dados dos autores são informados em campo específico do formulário de inscrição e incluem:

- Autor principal: afiliação institucional (apenas uma, por extenso), nesta ordem, Departamento, Unidade, Universidade. Endereço institucional completo para correspondência (logradouro, número, bairro, cidade, estado, país e CEP). Telefones (fixo e celular) e apenas um e-mail (preferencialmente institucional). ORCID ID.

- Coautores: afiliação institucional (apenas uma, na íntegra), nesta ordem: Departamento, Unidade, Universidade, cidade, estado, país. E-mail institucional. ID do ORCID.

Notas

. Os dados do autor principal e do autor que submete o manuscrito devem incluir o ORCID ID (os links para criar ou associar o ORCID ID existente estão disponíveis no sistema ScholarOne, Etapa 3 de submissão). O ORCID deve incluir pelo menos a instituição a que pertence o autor e sua função.

. Caso não haja vinculação institucional, favor informar a formação profissional.

. Caso o autor seja aluno de graduação ou pós-graduação, é necessário informar: Aluno de graduação / pós-graduação do curso, indicando entre parênteses se se trata de Mestrado, Doutorado ou Pós-Doutorado.

. Os títulos, cargos e funções dos autores não devem ser informados.

. Sempre que o autor utilizar nomes compostos em referências e citações, esses dados também devem ser informados.

Exemplo: autor Fabio Porto Foresti; nas referências e citações, os autores devem usar Porto-Foresti, Fabio.

4 Caso o texto contenha ilustrações, estas devem ser incluídas como documentos complementares ao Documento Principal, em campo específico do formulário de submissão.

Nota

. No caso de imagens de pessoas, os autores devem fornecer autorização para o uso dessas imagens pela revista. Devem também constar como documentos complementares ao Documento Principal, em campo específico do formulário de submissão.

5 O título (até vinte palavras), o resumo (até 140 palavras), as palavras-chave (de três a cinco), no idioma original do manuscrito, e as ilustrações devem constar em campo específico do formulário de submissão.

6 Para submeter o manuscrito, na Carta de Apresentação, o autor deve redigir carta explicando se o texto é original, se é resultado de dissertação de mestrado ou doutorado, se há conflito de interesses (qualquer compromisso dos autores com a devem ser explicitadas fontes de financiamento ou qualquer tipo de afiliação ou rivalidade que possa ser entendida como conflito de interesses) e, no caso de pesquisa com seres humanos, se foi aprovada por Comitê de Ética da área, informando o número do processo e a instituição . Caso o manuscrito não envolva pesquisa com seres humanos, também é necessário constar na Carta de Apresentação, justificando a não aprovação do Comitê de Ética. Da mesma forma, se os autores incluírem alunos de graduação, é necessário informar neste campo do formulário.

Informações sobre instituições que apoiaram a pesquisa e / ou sobre pessoas que colaboraram com o estudo, mas não atendem aos critérios de autoria também estão incluídas neste campo do formulário.

Caso o texto possua dois autores ou mais, as responsabilidades individuais de cada um na elaboração do manuscrito devem ser especificadas na Carta de Apresentação, respeitando os seguintes critérios de autoria: a) concepção e desenho do estudo ou participação na discussão do resultados do estudo; b) redação do manuscrito ou revisão crítica de seu conteúdo; c) aprovar a versão final do manuscrito. Todas essas condições devem ser atendidas e podem ser indicadas pela seguinte afirmação: Todos os autores participaram ativamente de todas as etapas da preparação do manuscrito.

7 Se uma revisão crítica for enviada, os autores devem incluir todas as informações sobre o trabalho revisado na Carta de Apresentação, seguindo o padrão de referência usado na Interface (Vancouver), a saber:

Autor (es). Cidade: Editora, ano. Crítica de: Autor (es). Título do trabalho. Diário. Ano; v (n): páginas inicial e final. Deve também incluir a capa do trabalho revisado como documento adicional ao Documento Principal, em campo específico do formulário de submissão.

Exemplo:

Borges KCS, Estevão A, Bagrichevsky M. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. Crítica de: Castiel LD, Guilam MC, Ferreira MS. Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde. Interface (Botucatu). 2012; 16 (43): 1119-21.

8 No item Contribuição à Literatura Atual, o autor deve responder à seguinte pergunta: O que seu texto agrega ao que já foi publicado na literatura nacional e internacional?

Nota

. Nessa breve descrição, é necessário abordar a especificidade dos resultados da pesquisa e da revisão ou experiência no cenário da literatura nacional e internacional sobre o assunto, destacando a natureza original do trabalho e seu diálogo com a literatura internacional; manuscritos que focam apenas em questões de interesse local e apresentam abordagens

essencialmente descritivas do problema não são a prioridade desta revista e devem ser evitadas.

9 O autor pode indicar um parecerista (do Brasil ou do exterior) para avaliar seu trabalho, desde que não pertença à mesma instituição do (s) autor (es) do manuscrito. Se for necessário, deve informar também sobre pesquisadores com os quais possa haver conflito de interesses decorrente do artigo.

AVALIAÇÃO DE MANUSCRITOS E PUBLICAÇÃO DE MANUSCRITOS APROVADOS

A Interface adota a rígida política editorial de avaliação do mérito científico por pares realizada em duas etapas: pré-avaliação e revisão por pares.

Pré-avaliação: todo manuscrito submetido à Interface passa por uma triagem inicial para verificar se segue as áreas da revista e se atende aos padrões editoriais, e para identificar documentos faltantes no processo de submissão, incluindo a identificação de plágio e autoplágio. A submissão só é confirmada se todos os padrões da revista forem atendidos e quando todos os documentos solicitados forem carregados no sistema. A análise de triagem inicial é realizada pelos editores e editores associados. Os textos que avançam para a revisão por pares são aqueles que:

- atender aos requisitos mínimos de um artigo científico e atender ao escopo da revista;
- diálogo com a literatura internacional em torno do tema do artigo
- apresentar relevância e originalidade temática e dos resultados e adequação da abordagem teórico-metodológica.

Revisão por pares: o texto cuja submissão é confirmada segue para revisão por pares duplo-cego e é avaliado por, no mínimo, dois revisores considerando os seguintes critérios: originalidade e relevância do tema, rigor científico e consistência teórica e metodológica. Os revisores são selecionados entre membros do Conselho Editorial ou consultores ad hoc, pesquisadores no âmbito da área de atuação, de diferentes regiões e instituições de ensino e / ou pesquisa. O material é devolvido ao autor se os revisores sugerirem pequenas alterações e / ou correções. Nesse caso, haverá uma segunda rodada de avaliação do manuscrito revisado.

Notas

- . Em caso de divergência de opiniões, o texto é enviado a um terceiro árbitro para arbitragem.
- . O Conselho Editorial (editores e editores associados) é responsável pela decisão final sobre o mérito científico do trabalho.

Edição do artigo aprovado: após a aprovação do artigo, os autores recebem uma correspondência com orientações específicas sobre o envio da versão final do texto para iniciar o processo de edição para publicação do artigo. Essas diretrizes incluem:

- atualizar todos os dados dos autores, comprovando sua afiliação institucional ou formação profissional, conforme já indicado no item 3 do SUBMISSÃO DE MANUSCRITOS;
- revisão final do texto, incluindo título, palavras-chave, citações e referências, e dos resumos (português, inglês e espanhol) por profissionais especializados, destacando as correções feitas nesta última versão em outra cor de fonte;
- no caso de um artigo com dois ou mais autores, adicionar o item Colaboradores antes das Referências na versão final do texto, especificando as responsabilidades individuais de cada um deles na elaboração do manuscrito, conforme explicitamente indicado no item 6 do SUBMISSÃO DE MANUSCRITOS;
- no caso de agradecimentos a pessoas ou instituições, inseri-los também na versão final do texto, antes das Referências, na seção Agradecimentos.

O processo de edição do artigo aprovado inclui padronização, editoração eletrônica e revisão pela equipe técnica da Interface e aprovação da versão final pelos autores.

Todos os artigos aprovados são publicados continuamente na versão de pré-publicação (ahead of print) na coleção SciELO com número DOI. Portanto, estão disponíveis nesta base de

dados para consulta e podem ser citados antes mesmo de sua publicação no número correspondente.

Os autores são responsáveis por seus textos. Os textos não coincidem necessariamente com o ponto de vista do Conselho Editorial da revista.

Nota

. Caso haja interesse em publicar seu manuscrito em inglês, os autores devem manifestar-se e contatar imediatamente o escritório da revista para informações sobre prazos, custos, contato com profissionais credenciados, etc. Essas despesas serão custeadas integralmente pelos autores. Ambas as versões (português e inglês) serão publicadas na SciELO Brasil.

PROCESSAMENTO DE MANUSCRITOS EM ACESSO ABERTO

Interface é um diário eletrônico de acesso aberto. A iniciativa internacional de acesso aberto visa proporcionar acesso universal a um benefício que deve pertencer a todos os seres humanos: o conhecimento. Os custos de produção dos periódicos neste modelo de acesso aberto requerem financiamento público, uma vez que não são financiados pelos leitores. Por 19 anos, a Interface foi mantida quase que exclusivamente com recursos públicos. Como essa arrecadação cobre parcialmente seus custos, a revista adota uma taxa de publicação para os manuscritos aprovados, a fim de garantir periodicidade, regularidade, qualidade e acesso aberto aos artigos publicados.

Taxa de publicação

Os procedimentos para o pagamento desta taxa serão informados pela secretaria da revista após a aprovação do artigo. Esta taxa somente será cobrada para artigos aprovados nas seguintes seções: Dossiê, Artigos, Revisão e Espaço Aberto.

1 Para manuscritos com até 5.000 palavras: R \$ 800,00

2 Para manuscritos com mais de 5.000 palavras: R \$ 900,00

Este valor da taxa deve ser depositado na seguinte conta bancária:

Fundação Editora da Unesp

CNPJ 54.069.380 / 0001-40

Banco do Brasil

Filial: 1897-X

Conta corrente: 4652-3

O valor não inclui despesas de tradução do artigo para o inglês, caso haja interesse. Os autores do artigo são responsáveis por arcar com esse custo.

SISTEMA VANCOUVER

Interface adota o sistema Vancouver para o estilo de citações e referências em seus manuscritos.

CITAÇÕES NO TEXTO

As citações devem ser numeradas consecutivamente, de acordo com a ordem em que são apresentadas no texto. Eles devem ser identificados por números arábicos sobrescritos.

Exemplo:

De acordo com Teixeira¹

De acordo com Schraiber² ...

Casos específicos de citações:

1 Referência com mais de dois autores: no corpo do texto, deve-se citar apenas o nome do primeiro autor, seguido da expressão “et al.”

2 Citações literais: Devem ser inseridas no parágrafo entre aspas (aspas duplas), e acompanhadas da página de citações entre parênteses, com ponto no final.

Exemplo:

Partindo dessa relação, podemos afirmar que a natureza do trabalho educativo corresponde a “[...] o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade produzida histórica e coletivamente por todos os homens”² (p. 13) .

Notas

Se a citação vier com aspas duplas no texto original, substitua-as pelo apóstrofo ou aspas simples.

Exemplo:

“Os ‘ Requisitos Uniformes ’(estilo Vancouver) são amplamente baseados nos padrões de estilo do American National Standards Institute (ANSI), adaptados pelo NLM” 1 (p. 47).

No final de uma citação, o sinal de pontuação estará entre aspas, se a frase começar e terminar com aspas.

Exemplo:

“Estamos, portanto, em um contexto onde, como disse Gramsci, é uma luta entre o novo que quer nascer e o velho que não quer sair de cena”. 9 (p.149)

Quando a frase não está completa entre aspas, a pontuação deve ficar fora das aspas.

Exemplo:

Na visão do CFM, “nunca houve uma agressão tão violenta contra a categoria e contra o atendimento oferecido à população” (p.3).

3 Citação literal de mais de três linhas: em uma inserção de parágrafo do texto (com um espaço de uma linha antes e depois), com recuo de cm no lado esquerdo, sem aspas, e acompanhado pela página de citação entre parênteses (após a pontuação da citação).

Exemplo:

Esta reunião se expandiu e evoluiu para o Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas (ICMJE) e estabeleceu os Requisitos Uniformes para Manuscritos Apresentados a Revistas Biomédicas: o Estilo Vancouver 2. 2 (p. 42)

Nota

Fragmento de citação no texto

- usar colchetes: [...] encontramos algumas falhas no sistema [...] ao retermos o manuscrito, mas nada pôde ser feito [...].

Essa taxa pode variar dependendo da captação de mais ou menos fundos públicos.

REFERÊNCIAS (transcritas e adaptadas de Pizzani L, Silva RC, fevereiro de 2014; Jeorgina GR, 2008)

Todos os autores citados no texto devem constar entre as referências listadas no final do manuscrito, em ordem numérica, seguindo as normas gerais do International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE) (<http://www.icmje.org>) . Os nomes das revistas devem ser abreviados de acordo com o estilo usado no Index Medicus (<http://www.nlm.nih.gov/>).

As referências devem ser alinhadas apenas pela margem esquerda e, para identificação do documento, em espaçamento simples e separadas entre si por espaço duplo.

A pontuação deve seguir os padrões internacionais e deve ser uniforme para todas as referências:

Deixe um espaço após um ponto final / período.

Deixe um espaço após um ponto e vírgula.

Deixe um espaço após os dois pontos.

Quando a referência ocupa mais de uma linha, reinicie na primeira posição.

OUTROS COMENTÁRIOS

Títulos e subtítulo

1 Título do manuscrito - em negrito, com a primeira letra em maiúscula

2 Títulos das seções (Introdução, Metodologia, Resultados, Considerações Finais ...) - em negrito, com apenas a primeira letra em maiúscula

3 Quando houver subdivisão na seção, assinalar como [subtítulo],

4 Se esta subdivisão ainda tiver outra subdivisão: marque [subtítulo] e assim por diante.

Nota

.Exclua números automáticos e marcadores antes de títulos e subtítulos.

Exemplo: 1 Introdução, 2 Metodologia... É apenas Introdução, Metodologia...

Palavras-chave

Apenas a primeira letra em maiúscula, o restante em minúscula. Ponto final entre palavras-chave.

Notas de rodapé

1 Nota de rodapé vinculada ao título do texto deve ser marcada com um asterisco (*) no final do título.

2 As informações dos autores devem ser indicadas em nota de rodapé, começando com (a), indicado entre parênteses.

Nota

.Estas notas devem ser curtas devido ao espaço restrito na capa do artigo.

3 No corpo do texto as notas de rodapé devem seguir a seqüência que começa na página de rosto (se o texto tiver dois autores, por exemplo, a primeira nota de rodapé do texto deve ser (c)).

Nota

.As notas de rodapé devem ser breves, usadas somente quando necessário.

Destaque de palavras ou trechos no texto

Deve ser colocado entre aspas (aspas duplas).

A interface não usa negrito ou itálico para realçar.

Itálico é usado apenas para soletrar palavras estrangeiras.

Os destaques entre aspas devem ser sucintos, usados apenas quando necessário.

Uso de maiúsculas ou minúsculas (baseado em: FRITSCHER, Carlos Cezar et al., Manual de Emergência Médica, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p 468.)

É usado em maiúsculas:

1 No início do período ou citação.

2 Nos nomes dos corpos celestes: Saturno, Sol, Marte, Via Láctea.

Nota

.A letra minúscula é usada em casos como os seguintes: era espacial, era nuclear, era pré-industrial, etc.

3 Nos nomes dos pontos cardeais e colaterais quando indicam as grandes regiões do Brasil no mundo: Sul, Nordeste.

Nota

.Quando designam direções ou quando são utilizadas como adjetivo, são escritas com letras minúsculas: nordeste do Rio Grande do Norte.

4 Na palavra estado, quando personificada ou individualizada: o Estado, a Nação (Brasil).

5 Nos pronomes de tratamento e nas suas abreviaturas: Excelência, Senhor, Sra.

Nota

.O minúsculas é usado na designação de profissões e cargos de ocupantes: presidente, ministro, senador, secretário, papa, diretor, coordenador, advogado, professor, reitor.

6 Em siglas:

Pode ser pronunciado pelas letras (UFGRS, UFF, OMS): todas em maiúsculas.

Se pronunciável como palavra (Unesp, Unicef ...): somente a primeira letra em maiúscula.

Exceções: ONU, UEL, USP.

Nota

.Ao usar a sigla, escreva primeiro a extensão e depois a sigla, entre parênteses.

7 Na primeira letra de palavras que indicam datas oficiais e nomes de fatos ou épocas históricas, festas religiosas, atos solenes e grandes empreendimentos públicos ou institucionais: 7 de setembro, Idade Média, Festa Divina, Dia de Natal.

8 Na primeira letra das palavras que indicam nomes de disciplinas de um currículo ou exame: História da Educação, Psicologia, Exame da Ordem.

9 Na primeira letra de palavras que indicam áreas do conhecimento, instituições e religiões: Saúde Coletiva, Epidemiologia, Medicina, Enfermagem, Educação, História, Ciências Sociais, Ministério da Saúde, Secretaria Municipal de Saúde, Cristianismo.

10 Na primeira letra das palavras que indicam nomes de leis, decretos, atos oficiais ou diplomas: Lei de Direitos Autorais 9.609.

11 Na primeira letra de todos os elementos de um nome próprio composto, unidos por hífen: Pró-Reitoria de Graduação, Pós-Graduação em Finanças.

12 Na primeira letra de palavras que indicam nomes de eventos (cursos, palestras, conferências, simpósios, feiras, festas, exposições, etc.): Simpósio Internacional sobre Epilepsia; Congresso Paulista de Radiologia, Congresso Brasileiro de Solos.

13 Na primeira letra de palavras que indiquem nomes de diversos setores de uma administração ou instituição: Reitoria, Pró-Reitoria de Extensão Universitária, Assessoria Jurídica, Conselho Departamental, Departamento de Jornalismo, Centro Pastoral Universitário.

14 Na primeira letra de palavras que indicam acidentes geográficos e sua denominação: Rio das Antas, Montanha do Mar, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico.

15 Na primeira letra de palavras que indicam nomes de vias públicas: Avenida Faria Lima, Rua Madalena, Parque Trianon, Praça Michelangelo.

Uso de numerais

Escreva:

- de zero a nove;

- dezenas e centenas “cheios”: dez pacientes; Vinte carros; Trezentas pessoas; Oitenta alunos, seiscentos presidiários ...

- quantidade aproximada: eram cerca de quatrocentos alunos.

- unidades de alto nível: A grande São Paulo tem cerca de vinte milhões de habitantes.

Escreva em numerais:

- do número 11;

- quando seguido por unidades padrão: 10cm; 6l; 600m.

Uso de números cardinais

Escreva:

- de zero a dez.